



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

JOVENS E HOMICÍDIO SEGUIDO DE SUICÍDIO NAS ESCOLAS:

AMPLIANDO PERSPECTIVAS

Tabata de Aquino Gerke

BRASÍLIA - DF

2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

**JOVENS E HOMICÍDIO SEGUIDO DE SUICÍDIO NAS ESCOLAS:
AMPLIANDO PERSPECTIVAS**

Tabata de Aquino Gerik

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa

BRASÍLIA - DF

2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA PELA SEGUINTE BANCA

EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa - Presidente
Universidade de Brasília - UnB

Profa. Dra. Elisa Walleska Krüger Alves da Costa - Membro Externa
Instituto Persona

Profa. Dra. Tania Inessa Martins Resende - Membro Externa
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Prof. Dr. Maurício da Silva Neubern - Membro Suplente
Universidade de Brasília - UnB

Brasília, agosto de 2019

*A todas as pessoas que passaram pelas
experiências descritas ao longo dessas páginas.
É para vocês e por vocês que estes pensamentos
ultrapassaram o meu discurso e foram para o papel.*

AGRADECIMENTOS

Ao Universo e suas infinitas possibilidades, pela oportunidade de estar aqui e agora utilizando toda essa sabedoria em prol de algo maior;

A todas as vibrações de amor, carinho, força, perseverança e garra que recebi das pessoas que amo, pois sem essas doses extras de afeto os caminhos seriam tortuosos demais;

Às/os minhas/meus guias e mentoras/es, bem como às Grandes Forças do Universo. Gratidão imensa pelo amor, suporte e acolhimento;

A todas as pessoas que passaram pela minha história, pois me auxiliaram a estar exatamente aqui, deste modo que estou agora;

A Ileno, um grande mestre, por guiar para que tudo isso fosse criado;

A Elisa, a chama motriz que iluminou esse projeto de vida;

A André, fiel companheiro de guerrilha;

Às minhas/meus alunas/alunos, que me ensinaram muito;

Ao CNPQ, por me auxiliar com condições para fomentar este trabalho;

À UnB e ao Instituto de Psicologia, por todas as vivências que me foram proporcionadas;

Às pessoas envolvidas na temática estudada, por todo o conhecimento que proporcionaram sobre a complexidade humana. Espero que o fruto desse trabalho abra portas para mais pessoas se interessarem em fazer algo a respeito;

A mim, que consegui chegar ao final desta jornada.

Que assim seja; assim é.

Gerk, T. (2019). *Jovens e homicídio seguido de suicídio nas escolas: ampliando perspectivas*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar o fenômeno de adolescentes que realizam homicídios em massa seguidos de suicídio em escolas, trazendo novas óticas sobre possíveis fatores externos e internos relacionados às motivações de seus protagonistas. O objetivo de trazer novas discussões acerca do tema surge da necessidade identificada de aprofundar análises para além das tendências paradigmáticas vigentes atualmente na comunidade científica, na mídia e na sociedade, onde percebem-se lacunas e preconceitos quando se trata de pensar nas possíveis vivências de possíveis sofrimentos psíquicos desses adolescentes, bem como influências externas presentes no desenvolvimento da motivação para esses atos. Para alcançar tais leituras, esta pesquisa utilizou multimétodos, dividindo-se em três partes: um panorama teórico sobre como o tema é abordado atualmente e as problemáticas envolvidas nessas análises; uma exploração Psicanalítica sobre o *modus operandi* do ato de homicídio seguido de suicídio na adolescência; e um estudo de caso de um famoso acontecimento dentro da temática evidenciada com base na Análise Narrativa, evidenciando fatores psicossociais relacionados ao ato na visão de um amigo dos protagonistas. Dentro das descobertas encontradas, foi notado claramente a falta de material para debate sobre esses casos em vieses que não depreciam os autores desses atos ou os colocam como agentes únicos de suas ações, excluindo fatores de risco externos. Fatores de risco estes que puderam ser notados quando se observou o olhar de um par aos adolescentes, demonstrando que diversos atores sociais e instituições estão envolvidos neste fenômeno. Das limitações encontradas na pesquisa, a falta de material com informações fidedignas e sem viés sensacionalista certamente dificultou uma análise ampliada sobre o tema, bem como o fato de a grande maioria dos autores desses atos ter falecido sem contar muito de sua história. Em conclusão, sugerem-se novas pesquisas dentro da temática, pois é notável que quanto mais entendermos os mecanismos que levam a esses atos serem perpetuados pode-se pensar em ações mais efetivas de prevenção e tratamento no objetivo de evitá-los.

Palavras-chave: adolescência, homicídio seguido de suicídio, atentados em escolas.

ABSTRACT

This work proposes to analyze the phenomenon of adolescents who carry out mass homicide followed by suicide in schools, bringing new perspectives on possible external and internal factors related to the motivations of their protagonists. The purpose of bringing new discussions about the subject arises from the identified need to deepen analyzes beyond the current paradigmatic trends in the scientific community, in the media and in society, where gaps and prejudices are perceived when it comes to thinking about the possible experiences of possible psychic sufferings of these adolescents, as well as external influences present in the development of the motivation for these acts. In order to reach such readings, this research used multimethods, being divided into three parts: a theoretical overview about how the subject is currently addressed and the problems involved in these analyzes; a Psychoanalytic exploration of the modus operandi of the act of homicide followed by suicide in adolescence; and a case study of a famous event within the theme evidenced on the basis of Narrative Analysis, evidencing psychosocial factors related to the act in the vision of a friend of the protagonists. Within the findings found, there was a clear lack of material for debate on such cases in biases that do not depreciate the perpetrators of these acts or place them as sole agents of their actions, excluding external risk factors. These risk factors could be noticed when the look of a pair adolescent was analyzed, demonstrating that several social actors and institutions are involved in this phenomenon. From the limitations found in the research, the lack of material with reliable information and without sensationalistic bias certainly hindered an extended analysis on the subject, as well as the fact that the great majority of the authors of these acts have died without telling much of their history. In conclusion, new research on this thematic is suggested, since it is remarkable that the more we understand the mechanisms that lead to these acts being perpetuated, more we can think of effective actions of prevention and treatment in the aim of avoiding them.

Keywords: adolescence, homicide followed by suicide, school rampage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I - HOMICÍDIOS EM MASSA NAS ESCOLAS E AS CO-RESPONSABILIDADES DA MÍDIA E DA SOCIEDADE.....	14
INTRODUÇÃO.....	14
A INFLUÊNCIA DA MÍDIA.....	17
A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE.....	22
DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	31
PARTE II - HOMICÍDIO SEGUIDO DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA EXPLORAÇÃO PSICANALÍTICA.....	34
INTRODUÇÃO.....	34
A VIOLÊNCIA NO/DO ADOLESCER.....	37
O HOMICÍDIO E ALGUMAS DE SUAS PSICODINÂMICAS.....	40
ALGUNS DOS PERCURSOS PSICODINÂMICOS DO SUICÍDIO	42
DISCUSSÃO.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
PARTE III - FATORES PSICOSSOCIAIS EM HOMICÍDIOS SEGUIDOS DE SUICÍDIO NAS ESCOLAS PELA VISÃO DE JOVENS: ESTUDO DO CASO COLUMBINE.....	52
INTRODUÇÃO.....	52
MÉTODO.....	55
RESULTADOS.....	59

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	79

INTRODUÇÃO

Homicídios em massa realizados em escolas são fenômenos marcantes em nossa sociedade contemporânea. Além de sua alta gama de consequências, pois não são somente as pessoas diretamente atingidas nestes atentados afetadas por seus danos, mas a própria condição existencial do ser humano. Porém, causas e motivações relacionadas a esses atos ainda são um tanto misteriosas e geram discussões polêmicas na ciência e para a sociedade civil.

Como este tipo de ato pode assumir diversas variações na sua arquitetura, destaca-se aqui que o recorte do presente estudo é sobre a realidade dos homicídios em massa realizados dentro de escolas, sendo seus autores jovens, membros ou ex-membros da escola atentada (Muschert, 2007).

O potencial de impacto desses atos atinge grandes proporções, em diversas camadas sociais: desde seus autores, suas famílias e ciclos sociais, passando pelas vítimas diretas do ataque, suas famílias e seus ciclos sociais até a comunidade escolar da instituição atacada, bem como a vizinhança das redondezas. E, por certo, os efeitos também são experienciados em níveis sociais macro, pois, segundo Muschert (2007), esses atos deixam consequências na saúde física e mental da população como um todo e repercussões negativas a nível cultural, político, jurídico e policial.

Um ponto a ser de pronto destacado é que a grande maioria dos autores desses atos não sobrevive após sua realização: ou tiram a própria vida ainda na cena do ato, ou são mortos pelos serviços policiais que intercedem no momento. Este fator gera dificuldade na realização de estudos éticos e fidedignos sobre o fenômeno e seus perpetuadores, visto que as informações recuperadas não conseguem atingir excelência em clareza e realidade em

contraponto do que seriam entrevistas e análises realizadas diretamente com os protagonistas.

A falta de acesso a informações mais fidedignas sobre essa temática como um todo abre espaço para uma tendência de disseminação de informação científica e midiática sobre ela, o que é extremamente criticável em diversos níveis, em especial o ético. Explicações simplistas, disseminação de estereótipos e preconceitos e responsabilizações unilaterais são, por exemplo, facilmente encontradas quando se pesquisa esse fenômeno. Em contraponto, pesquisas científicas criteriosas, tal como ações de tratamento e prevenção, ainda são insuficientes e se mostram deficientes.

Partindo-se da visão de que a violência é um fenômeno multifatorial, e que as pessoas que a praticam, em geral, vivenciaram diversas experiências de vida que as influenciam a ter esse comportamento, esta pesquisa tem o objetivo de explorar mais detidamente fatores relacionados aos atos de homicídio em massa nas escolas, mais especificamente os que foram seguidos de suicídio de seus protagonistas.

Para tal, propõem-se um estudo com perspectiva psicossocial, apresentando uma visão crítica sobre o modelo de análise do fenômeno predominante atualmente. Perspectiva essa, que, para existir, precisou deslocar-se dos moldes tradicionalistas de filiação teórica estrita da Psicologia para incluir também problematizações advindas da Sociologia, Antropologia e Filosofia.

Essa escolha foi feita após extensa pesquisa sobre a temática pela pesquisadora, já há sete anos, o que se fez identificar uma lacuna de problematizações vindas de áreas correlatas à Psicologia. Acreditando que é importante ampliar o repertório de análise para poder propor leituras diferenciadas sobre a temática, faz-se mister inovar também nos modos de pesquisar sobre ela. Foi notado que o conhecimento advindo das ciências sociais, como as acima citadas, trouxe um enriquecimento de visões panorâmicas sobre tendências

sociais adoecedoras que influenciam na manutenção desse fenômeno enquanto modo de comunicação com o mundo, tal como tendências que alimentam preconceitos e paradigmas sobre esses acontecimentos e seus autores, dificultando a busca por meios de prevenção.

O desejo e a necessidade de tornar os questionamentos aqui presentes mais acessíveis ao domínio público, tendo em vista a falta de informação de qualidade que se tem sobre o tópico aqui pesquisado, a apresentação das argumentações desse estudo se darão no formato de três capítulos. Estes serão colocados para publicação em diferentes revistas científicas, a fim de realizar uma propagação de informação com maior alcance.

Os três capítulos apresentados nesta dissertação fazem parte de uma trilogia que, na nossa compreensão, simboliza os caminhos percorridos durante os anos (para além dos dois anos do presente mestrado) de investigação sobre a temática. Separados, por si sós, já se fazem entender, mesmo sendo recortes de um grande tema; juntos, fazem uma rota de construção das propostas de olhar diferenciado para esses jovens e seus atos.

O primeiro explora como o fenômeno dos homicídios em massa nas escolas é abordado pela mídia e pela sociedade contemporânea, identificando alguns pensamentos e paradigmas sociais que validam essa abordagem. O papel da mídia na influência da sociedade foi criticado, tal como o papel da sociedade na manutenção de comportamentos tóxicos com pessoas que são vistas como não-pertencentes às suas normas. Este capítulo tem o papel de explicitar e colocar em questionamento alguns problemas nas concepções vigentes sobre os homicídios em massa nas escolas e seus autores.

O segundo estudo é exploratório e teórico, de base Psicanalítica, sobre as possíveis psicodinâmicas envolvidas nos atos de homicídio seguido de suicídio na adolescência. Sentiu-se a necessidade deste aprofundamento teórico visto a falta de informação científica sobre essa tipificação específica de passagem ao ato no período da adolescência. O olhar psicodinâmico para esta temática - feito enquanto exploração de hipóteses, e não enquanto

fechamento diagnóstico - é importante para pensarmos futuramente em meios de tratamento e prevenção aos atos aqui pesquisados. Acredita-se que as questões levantadas neste estudo podem ser de grande valia para futuras pesquisas teóricas sobre a temática, bem como abre caminhos para estudos clínicos sobre tratamentos psicoterápicos com pessoas que relatam desejos de cometimento dos atos aqui estudados.

Por fim, a terceira parte traz uma investigação qualitativa sobre fatores psicossociais relacionados à vivência de autores de homicídios em massa em escolas. Ela se dá por meio de um estudo de caso do atentado de Columbine, que ocorreu nos Estados Unidos em 1999, o que é um marco até os dias atuais em se tratando de atos desse tipo. A inovação presente neste capítulo é partir a investigação do ponto de vista de um amigo íntimo dos autores, pois acredita-se que dar voz a pares para falar de vivências angustiantes da adolescência é uma possibilidade que traz uma riqueza e veracidade ímpares, em contraponto a basear-se em informações da mídia ou de terceiros que não possuíam tanta intimidade com a vivência dos autores dos atos. Diríamos que é o que de “mais próximo” se pode tentar com a atual realidade de ocorrência deste fenômeno.

É importante ressaltar que a pesquisa aqui apresentada não foi elaborada para apontar certezas ou métodos receituários de se analisar esse tipo de ato ou seus autores. Ela vem para enfatizar que ainda existem muitos caminhos a serem questionados e analisados sobre a temática, alertar que não existem respostas simples ou unificadoras questionando as informações de senso comum vão na direção contrária, e sinalizar que, sim, qualquer adolescente pode planejar ou chegar a cometer atos similares, a depender da sua vivência, à qual objetivamos nos aproximar.

PARTE I

HOMICÍDIOS EM MASSA NAS ESCOLAS E AS CO-RESPONSABILIDADES DA MÍDIA E DA SOCIEDADE

Introdução

Homicídios em massa realizados em escolas são atos de violência que despertam grande polêmica e questionamentos sobre suas motivações na sociedade e na mídia, mas pesquisas com viés psicossocial e humanista nesta temática são insuficientes para provocarem ações de prevenção efetivas.

Este ato pode ser conceituado, segundo Muschert (2007), como um ato perpetrado por membros ou ex-membros da escola escolhida para o atentado, e tem o objetivo de atacar a instituição ou um grupo de pessoas selecionadas por relevância simbólica ao(s) autor(es). É um fenômeno que acontece em diversos países, incluindo o Brasil.

O *modus operandi* deste ato, que consiste em tirar a vida várias pessoas dentro de uma instituição escolar e depois ceifar a própria vida, virou ponto de partida para diversos questionamentos em esfera social, midiática e científica sobre seus protagonistas: a existência de possíveis transtornos mentais, bullying sofrido, educação insuficiente, entre outras hipóteses, são geradas *post mortem* como tentativa de encontrar um motivo para essa atitude.

Atualmente, os veículos de informação em massa possuem notável influência como fonte de informação e juízo sobre o tema. São realizadas, por exemplo, desde coberturas ao vivo durante os incidentes, entrevistando de forma incisiva parentes e vítimas ainda em choque, até reportagens investigativas sobre o comportamento dos autores aos olhos de vizinhos, parentes e conhecidos.

Segundo Brasiense (2009), estudiosa sobre o comportamento antiético da mídia em casos de violência, esse investimento midiático de nomear e caracterizar motivações para atos é explicado pelo fato desse tipo de abordagem gerar mais popularidade do que reportagens que não apontam culpados e/ou não fecham uma conclusão sobre os casos. Essa constatação aponta para os objetivos da mídia quanto a julgar, manipular informações e tecer conclusões rápidas sobre autores de atos.

Levando isso em consideração, pode-se afirmar que a mídia possui um papel importante na criação e manutenção de paradigmas e estigmas sobre este tipo de fenômeno e seus autores, com informações que diversas vezes são questionáveis em veracidade e acuidade histórico-factual. Para além deste tipo de influência, o afinco da mídia em cobrir esse tipo de acontecimento, buscando furos de reportagem com pessoas relacionadas aos eventos é outro ponto a ser levantado.

Famílias, amigos, estudantes, funcionários das escolas atacadas e a comunidade são alguns dos atores sociais envolvidos direta ou indiretamente nas consequências desses atos. Segundo Muschert (2007), esses acontecimentos deixam repercussões na saúde física e mental na população dos participantes diretos e repercussões negativas a nível cultural, social, político, jurídico e policial.

O que acontece, muitas vezes, é o desrespeito por parte da mídia para com estas pessoas, em prol de conseguir entrevistas e depoimentos. Haravuori, Suomalainen, Kiviruusu e Marttunen (2011) estudaram os efeitos da exposição na mídia em jovens que passaram recentemente por uma situação de homicídio em massa na sua escola, e os resultados confirmaram a toxicidade dessa relação midiática. Os pesquisadores observaram nos jovens aumento de riscos de apresentação de sintomas de estresse pós-traumático e revitimização quando expostos a assédios de repórteres logo após o ocorrido.

Compreende-se aqui que essas conceituações paradigmáticas e preconceituosas feitas sobre esse tipo de ato e seus protagonistas, do modo que ainda são realizadas atualmente, geram vários níveis de preconceito e desserviço ao entendimento mais aprofundado sobre essas pessoas, seu sofrimento psíquico e as reações decorrentes desse estado de intensa mobilização emocional.

Em consequência a isso, o processo de criação de políticas e ações visando tratamento e prevenção a esse tipo de ato é altamente prejudicado. Atentados em massa em escolas continuam ocorrendo com constância, e seus impactos na vida de uma grande quantidade de pessoas são indiscutíveis.

Olhando para outro viés nessa argumentação sobre a influência da mídia na sociedade e em seus modos de existência e pensamento, há a visão de que a mídia proporciona de conteúdo aquilo que faz sucesso na sociedade. Zanardi (2010), por exemplo, afirma que a mídia apenas edita o imaginário popular para conseguir público, e o material veiculado diz respeito aos desejos do espectador. Dentro desta argumentação, a mídia produziria conteúdo com o objetivo de atingir o máximo de audiência, e quem consome seus materiais e gera essa audiência são as pessoas que se identificam com os assuntos publicados.

Tem-se aí mais um objeto de debate dentro da esfera dos homicídios em massa nas escolas: a influência da própria sociedade. Pois esta, longe de ser apenas passiva às possíveis “manipulações” midiáticas, também é coadjuvante quando pensamos nas influências externas que podem ter existido na vida dos autores dos atos aqui estudados para fazerem o que fizeram.

Em consonância a este pensamento, Marques (2007) defendeu a necessidade de analisar os jovens que cometem homicídios em massa em instituições de ensino não eram

simplesmente “maus por natureza” e sim como pessoas que tiveram reações contra um sistema problemático em que estavam inseridos.

Em adição, segundo o estudo de caso de Verlinden, Hersen e Thomas (2000) sobre esse tipo de ato, constatou-se que além de fatores individuais nesses protagonistas, como históricos de tentativa de suicídio e sintomas de depressão, fatores externos também tiveram real influência no desenvolvimento de sofrimento psíquico que ensejou esses atos. Os autores classificaram diferentes fatores, dentre eles problemas familiares, na escola e/ou com pares e ambiente social desfavorável a um desenvolvimento saudável.

Dentro de todo o contexto explicitado, buscar a relação entre a mídia, a sociedade e a violência se torna pertinente na medida em que as duas primeiras são importantes influenciadoras do constructo da última. Bem como, mídia e violência influenciam a vivência da sociedade; e ainda, a sociedade e a violência ditam, direta ou indiretamente, o discurso midiático.

Logo, o presente capítulo se propõe a problematizar os papéis da mídia e da sociedade em relação aos paradigmas vigentes sobre autores de homicídios em massa em escolas e seus atos. Tem-se como propósito demonstrar que os modos atuais de lidar com esse fenômeno estão fomentando um afastamento da tentativa de compreender os reais sentidos envolvidos a ele e do universo vivencial de seus autores.

A Influência da Mídia

Pensar e se comunicar são ações essenciais da nossa vivência como seres humanos no mundo. Todos nós tentamos expressar nossos ideais e pensamentos, e desejamos ser ouvidos, mesmo nos encontrando num meio social heterogêneo. Porém, há uma entidade que é ouvida por toda nossa sociedade fragmentada: a mídia, difundida em escala mundial.

Ao interpretar previamente os acontecimentos do mundo e transmiti-los, o discurso midiático antecipa a interpretação do próprio sujeito sobre as informações apresentadas, assim ditando premissas que influenciam na sua elaboração sobre a realidade, segundo Souza (2003). Mesmo que existam vários veículos transmissores de informação, os mais populares acabam construindo visões parecidas sobre os acontecimentos, e os poucos que divergem dessa visão solidificada perdem espaço e correm o risco de perder também a popularidade entre a massa populacional.

Além de veicular informações de cunho parcial, pode-se dizer que a mídia influencia diretamente na cultura e no comportamento do ser humano, segundo Zanardi (2010). Partindo desse princípio de influência na sociedade, Coimbra (2001) afirma que a mídia produz formas de existir no mundo dentro de um permanente processo de modelização através da construção constante de vários padrões para serem seguidos, entre eles o de racionalidade, de legitimidade, de justiça e de beleza. Porém, a mídia não só nos indica o que pensar e como agir, mas principalmente, ainda segundo Coimbra (2001), nos orienta sobre o que pensar e sobre o que sentir. Assim, esses veículos de comunicação acabam ditando a ordem de importância dos temas a serem discutidos na sociedade.

Além disso, boa parte das vezes a mídia trabalha com dicotomias, ditando diversos valores entre “bom” e “mau”, “certo” e “errado”, “justo” e “injusto”. Esse maniqueísmo empobrece a multiplicidade das avaliações possíveis acerca dos acontecimentos no mundo, acabando por binarizar as formas de pensar e sentir, empobrecendo assim a leitura de fenômenos complexos.

Por ser uma ditadora de padrões, a mídia se põe no papel de silenciadora do discurso polifônico. Logo, se torna mais difícil se fazer ouvir quando se vai contra os pressupostos vigentes, pois isso se torna uma ameaça à ordem previamente imposta que é aceita passivamente sem muita discussão. Souza (2003) afirma que esse aspecto da mídia

restringe a capacidade do sujeito dar novas significações às suas vivências, dificultando assim mudanças subjetivas de opinião e fortalecendo a manutenção de antigas interpretações de mundo. Como consequência, muitas vezes mantém-se estereótipos errôneos e sentidos comuns preconceituosos sobre certos temas sociais.

A influência da mídia nesses casos de violência também chega ao poder judiciário. De acordo com Andrade (2009) e Zanardi (2010), o sensacionalismo midiático promovido em torno de alguns episódios de violência pode chegar a interferir nos processos judiciais dos casos. Com a separação dualista de personalidade (“bons” contra “maus”) das pessoas envolvidas, a estereotipia de categorias como “bandido”, “monstro”, “psicopata”, e a tendenciosidade em prol de apenas uma versão do acontecimento, a mídia acaba permeando seu julgamento na opinião das pessoas, o que causa ainda mais impacto nos casos que contam com tribunais de júri popular, pois os jurados encontram-se imersos em diversos estímulos de verdades manipuladas sobre o acontecimento em questão.

O poder político e suas nuances ideológicas também recebe suas vantagens em relação à mídia. Não raro é ver veículos de informação coligados a determinadas filosofias políticas específicas diferentes divulgando as mesmas notícias em vieses que privilegiam as mesmas, de acordo com suas propostas para a população.

Em relação à violência nesta seara, a depender de como se divulgam atos e se fala sobre o contexto de seus autores, facilmente o discurso é levado para a defesa de punições mais violentas para autores (como pena de morte e maioria penal), em contramão de soluções com resoluções não-violentas. O movimento midiático de sensacionalismo e reducionismo, em relação à cobertura de atos de homicídio em massa nas escolas, é igualmente recorrente. Quando se fala de cobertura midiática desse tipo de ato, infelizmente vê-se uma tendência ao sensacionalismo e ao fornecimento de informações de origem questionável, disfarçando a violência inerente em propostas não esclarecidas.

Alguns estudiosos se debruçaram a analisá-lo para criticá-lo, de forma similar ao presente capítulo. Lima (2011), em exemplo, distinguiu três tendências midiáticas para a veiculação de informação sobre os casos de homicídios em massa nas escolas: a primeira seria a associação dos autores com “*serial killers*”, “psicopatas” ou “psicóticos”, de forma vazia e sem fundamento teórico para isso; em seguida, haveria a culpabilização do sistema da sociedade pós-moderna como causa única desses atos; por último, aponta-se a causa desses atos como uma reação que foi desproporcional à alguma agressão recebida por esses jovens nas escolas.

O autor classificou essas tendências como “pseudo-análises reducionistas”, apontando a falta de humildade epistêmica, falta de perspectiva interdisciplinar e, também, de bom senso dos veículos de informação ao propagar tal tipo de notícia neste tipo de viés.

Esse mecanismo midiático também foi notado na pesquisa de Bianchi e Golembiewski (2012). Os autores encontraram dados de que a cobertura jornalística brasileira contou com um viés extremamente sensacionalista e agressivo na cobertura de homicídios em massa em escolas e no tecer de informações sobre seus autores.

Percebe-se que essas informações incompletas e de cunho parcial veiculadas pelos meios de comunicação criam tendências de interpretação simplistas, além de julgamentos e criação de conceitos preconceituosos de uma suposta personalidade “monstruosa” que autores desses atos possuem. Nesta dinâmica, muitas informações - como os fatores histórico-culturais e sociais do contexto dos acusados - são descartadas, gerando uma redução dos acontecimentos a explicações simplistas (Ramos & Novo, 2003).

Algumas das explicações reducionistas largamente difundidas sobre esses casos são, por exemplo, a crença de que um jovem comete este tipo de ato num rompante de raiva e de forma inesperada. Culpabilizações unifatoriais referentes a gostos pessoais tipicamente ligados a “adolescentes rebeldes” pelos paradigmas sociais - como jogos de videogame

violentos e músicas de rock agressivas - também são pauta na mídia. Responsabilização de traços de algum familiar do autor que pareçam “suspeitos” socialmente, como envolvimento com psicoativos ou supostos transtornos psicológicos, também são postos em evidência.

Todas essas tentativas para fomentar a curiosidade dos espectadores com pseudo-respostas à pergunta do “por que esses jovens fizeram o que fizeram”. A qualquer preço, entrevistadores querem ouvir a todos que tenham relações variadas com o contexto dos autores, sejam vizinhos de parentes distantes a colegas de escola que nunca conversaram com eles, sem maiores compromissos com uma leitura complexa da realidade.

Esse emaranhado de opiniões e suposições de doxa, validando estereótipos relacionados a jovens “fora da norma”, levam normalmente ao lugar comum de culpabilização exclusiva pelo ato de características intrínsecas do seu autor. Esta dinâmica, por sua vez, favorece o manutenção da posição “vitimista” da sociedade frente a esses acontecimentos. Assim, a grande maioria das elaborações sobre os fatos ocorridos ficam no terreno da doxa, comprometendo a possibilidade de uma episteme evolutiva.

Mais um quesito que é necessário ser pontuado sobre a atuação da mídia nos casos de homicídios em massa em escolas são as entrevistas com profissionais de saúde mental que visam fechar diagnósticos sobre os autores desses atos. Em sua esmagadora maioria, são profissionais que nunca conheceram esses jovens, e também não obtiveram acesso a suas famílias ou contexto de vida de forma aprofundada, incitados a fechar diagnósticos técnicos sobre sua situação psíquica. Sem desmerecê-los, muitos deles sem formação especializada, sendo, em geral, generalistas.

Isto, quando feito de forma taxativa, colocando em pauta diagnósticos de saúde mental específicos, se torna mais informação prejudicial à população, pois são vindas de supostas figuras hierarquicamente influentes em relação a esse tipo de conhecimento. Com

isso, alguns tipos diagnósticos acabam ganhando um tom pejorativo ao serem vinculados de forma precipitada a autores desse tipo de ato, e jovens com características similares ficam expostos como alvo de suspeitas e hostilidade.

Em síntese, a influência da mídia na criação e manutenção de paradigmas sociais, preconceitos e julgamentos superficiais é problemática em nossas vidas. Na temática dos jovens que cometem homicídios em massa em escolas não é diferente, sendo esta relação também estudada por outros pesquisadores, como Ramos e Novo (2003), Lima (2011) e Bianchi e Golembiewski (2012). Estes pesquisadores trazem em seus trabalhos debates e pontuações sobre como a mídia cria e mantém perfis estereotipados sobre os protagonistas destes atos, perfis estes que corroboram com o imaginário popular de jovens considerados à margem dos padrões sociais impostos. Dentro deste ciclo de retroalimentação de preconceitos, vê-se que esta estereotipia tende a se manter, levando a novas situações de exclusão e/ou assédio a pessoas que de alguma forma se encaixam neste perfil criado.

Agora, voltando-se aos consumidores do conteúdo que a mídia produz, Porto (2002), por exemplo, afirma que a mídia apenas edita o que já é do imaginário popular para conseguir audiência. Podemos, então, analisar mais profundamente também a participação da sociedade no manutenção de paradigmas referentes à temática aqui abordada.

A Atuação da Sociedade

Uma característica que se repete frequentemente quando se vêem notícias sobre autores de homicídios em massa em escolas é sobre eles serem “excluídos” socialmente, na escola e na comunidade. Ninguém sabe dizer muito a fundo sobre quem eram, não tinham muitos amigos, eram fisicamente fora da norma social vigente, dentre outros indícios que demonstram o quão fora da norma de senso comum essas pessoas eram consideradas.

Se faz necessário permear sobre esse arquétipo de “excluído” que a sociedade valida, visto que isto é um dos paradigmas retroalimentados toda vez que um ato no escopo do presente estudo acontece. Esta retroalimentação, vinda da sociedade e da mídia concomitantemente, maximiza o peso deste papel social de “anormalidade” e abre espaço para mais reações extremas de pessoas que são encaixadas neste papel social.

O arquétipo das pessoas que estão em oposição aos padrões sociais já é discutido através dos tempos por grandes teóricos, como Nietzsche (1999), Foucault (2001), Ortega y Gasset (2002), Bauman (2005), Girard (2011) e Han (2017) . Todos estes trouxeram, de acordo com seus olhares diversos, contribuições para entendermos o porquê deste papel de “excluído” se manter, tal como sua importância perversa para o funcionamento da sociedade.

As representações dos “excluídos” como pessoas “anormais” ou “do mal” está presente nos trabalhos de Nietzsche (1999) e Foucault (2001). São as pessoas que não se quer perto, que destoam do ideal de “belo e bom” (Nietzsche, 1999) que a sociedade idealiza. Elas quebram a zona de conforto da fantasia vendida de padronização.

O “anormal” causa incômodo porque mexe com nossas certezas sobre nós mesmos, muitas vezes anulando algumas delas, segundo Foucault (2001). Esse processo exige alguma cognição e reflexão, podendo ser complexo e indesejado para quem está confortavelmente agarrado a premissas fortemente constituídas. O desconhecido é desconfortável para o ser humano, e tenta-se evitá-lo o máximo possível.

Lidar com um padrão cotidiano é muito mais confortável, pois não é necessário refletir sobre o que acontece, já que o normal é passivamente assimilado. O que se gosta, em senso comum, é de algo que concorde com o padrão social, e cada um deve identificar-se com ele ou sumir das vistas da sociedade, pois todo “desviado” perturba a ordem existente.

Em adição ao pensamento Foucaultiano, para Ortega y Gasset (2002), a massa não deseja a convivência com o que ela não é, e rejeita veemente tudo o que não é ela, justamente por evitar o desgaste de ter que incluir algo fora do padrão pré-estabelecido. Quem perturba essa passividade de idéias e verdades se torna, então, indesejável.

Os “anormais” de Foucault (2001) seriam, por exemplo, pessoas que apresentam sofrimento psíquico grave, crises psicológicas ou modos de existência psíquica destoantes da média comum. Em paralelo a isso, Nietzsche (1999) traz a divisão social histórica entre pessoas de “bem” e do “mal”, que denota de uma moral cristã criada para controle das massas baseada nas leis religiosas estritas. Essa binaridade também está ligada a modos de existência divergentes de um padrão imposto arbitrariamente, ao qual enaltece pessoas que levam suas vidas numa linha mediana de costumes e aspirações, bem como seguem as regras morais impostas hierarquicamente sem contestação.

No entanto, nota-se que existe uma importância social velada nesse papel do “excluído”, seja ele por ser considerado “anormal” (Foucault, 2001) ou uma pessoa “do mal” (Nietzsche). Importância essa que Bauman (2005) e Han (2017) dissertaram sobre, e é a base da noção de identidade da sociedade ocidental pós-moderna: é necessário que haja “o excluído” para que as pessoas se enxerguem como “normais”.

Segundo Bauman (2005), a necessidade de alguém que ocupe o papel social de “excluído” é que, sem isso, a lei social nunca atingiria a universalidade. É necessário traçar os limites de sua aplicação, e, com isso, criar uma categoria das pessoas fora desses limites. Disto surge também o sentimento de coletividade e união, advindo de um revanchismo contra as pessoas que não se encaixam no grupo hegemônico da “mediocridade”.

Nessa dinâmica, a violência dos “normais” contra os “excluídos” aparece como consequência imediata e recorrente, e vem para deixar a demarcação do lugar de poder (e não-poder) social onde cada qual está designado a pertencer. Essa violência que os grupos

hegemônicos aplicam aos “excluídos” é, para Han (2017), algo que confere firmeza e estabilidade ao senso de identidade, tal como a própria exclusão desse outro, que auxilia a solidificação de autoimagem de si.

Girard (2011) também postula sobre a violência contra grupos sociais excluídos. O autor afirma que a sociedade cria e mantém, deliberadamente, bodes expiatórios para serem considerados pelo senso comum como fonte primária do mal e da violência existente. Estes são escolhidos, como apontado por Nietzsche (1999) e Foucault (2001), por destoarem dos valores paradigmáticos vigentes.

Ainda segundo a teoria Girardiana, o papel deste grupo selecionado é sustentar a descarga de todos os ódios de uma mesma comunidade sem que esta se autodestrua em retaliações entre membros de igual poder hierárquico. Logo, este arquétipo social se torna importante para manter as bases morais da sociedade, pois o ódio direcionado aos bodes expiatórios se torna legitimado coletivamente, como num combinado velado de que é preciso alguém para violentar que não haja consequências, para que o status quo Nietzscheano de “pessoas de bem” se mantenha.

A sociedade faz, então, papel ativo na violência contra esses que ocupam o papel de “excluídos”. Esta violência porém, muitas vezes velada e “silenciosa”, visto que o papel de pessoas “normais” e “do bem” deve prevalecer. São exclusões sociais e agressões simbólicas, reiterando o posicionamento de cada um dos atores presentes nos sistemas sociais. Algumas vezes tão paradigmáticas que passam despercebidas aos olhos menos observadores.

Neste papel de exclusão existem diversas categorias, que podem ser combinadas entre si em características de uma mesma pessoa. Alguns exemplos são: características físicas (como peso, altura, padronização estética, modo de vestir...); identidade de gênero e orientação sexual; classe social e cor da pele; características de personalidade (como

introversão, modo de pensar, nível de erudição e cultura...); gostos em geral (musical, lazer, artes...); entre outros (Jodelet, 2001).

Das violências perpetuadas podem ser encontradas desde exclusão social, onde a pessoa não é aceita em nichos que seguem e validam as normas sociais, até violência verbal e física. Ademais, segundo Jodelet (2001), todos os níveis de violência de exclusão social podem acontecer nos mais diversos espaços sociais, desde o ambiente intrafamiliar, chegando nas escolas, vizinhanças, entre outros.

Vale acrescentar que, atualmente, o meio virtual também virou cenário para demonstrações públicas de exclusão social, conforme Rocha (2012). Por este meio tecnológico de propagação de informação, os efeitos da violência contra pessoas consideradas dentro do estereótipo de “excluídas” consegue atingir grandes proporções em um curto espaço de tempo.

As consequências de toda essa exclusão e marginalização sistêmica são diversas e bastante prejudiciais em nível biopsicossocial a quem é alvo disso. Disto também se geram reações dessas pessoas aos ataques, que podem também ser expressas de múltiplas formas. Dentre elas, gerar violência reativa para a sociedade é um exemplo, ao qual ilustra a temática discutida no presente trabalho.

Neste movimento de troca de agressões podemos observar a criação de um ciclo de violência que se perpetua. Girard (2011), que estudou esse ciclo, traz o conceito de “violência mimética” na relação sociedade normativa *versus* pessoas fora desse padrão. Este fala de uma reciprocidade vingativa entre esses dois nichos, que funciona por um mecanismo de retroalimentação ao passo em que nenhuma das partes assume que tomou uma primeira iniciativa violenta.

Ao nos debruçarmos sobre a temática dos homicídios em massa nas escolas, podemos perceber a forte presença dos conceitos expostos. O autores desses atos são, em

sua notável maioria, possuidores de características conectadas com uma ou mais características relacionadas à motivações socialmente validadas como critérios de exclusão (Rocque & Duwe, 2018). Em adição, encontram-se estudos indicando que diversos desses autores realmente passaram por situações de violência social, exclusão e bullying relacionados a características que fogem das normas de aceitação social vigentes, como tipo físico, interesses culturais e sociais, forma como interagem socialmente, entre outras (Leary, Kowalski, Smith & Phillips, 2003; Clabaugh & Clabaugh, 2005; Preti, 2008; Rocque, 2012 e Flannery, Modzeleski, & Kretschmar, 2013).

A retroalimentação do ciclo de violência Girardiano, neste caso, se dá através do discurso social de preconceito a esses jovens após o cometimento de seus atos, culpabilizando as mesmas características pessoais que levaram primeiramente à sua exclusão social pelo seu comportamento violento. Ou seja, neste ciclo de violência a sociedade encena continuamente o papel de vítima, seja na exclusão social das pessoas que são diferentes e ela não quer por perto; seja após as reações de violência dos seus excluídos, se revalidando quanto aos paradigmas anteriormente impostos sobre eles.

Mais um tópico importante a ser levantado também sobre a influência da sociedade nos homicídios em massa nas escolas são as masculinidades tóxicas vigentes e perpetuadas dentre as gerações. Preti (2008), Reuter-Rice (2008) e Kalish e Kimmel (2010) verificaram a ampla influência dos modos de existir relacionados ao “masculino” nos homicídios em massa nas escolas, visto que estes, em sua esmagadora maioria, foram realizados por pessoas do sexo masculino.

As tradições de socialização de gênero vigentes até os dias atuais não permitem a uma pessoa que nasce com o sexo biológico masculino demonstrar seus afetos, angústias e sentimentos abertamente e de forma fluida. Uma das poucas opções validadas para tal fim é a canalização disso em agressividade. É algo de senso comum retaliar uma criança do sexo

masculino demonstrando sensibilidade e a enaltecer quando demonstra força e poder em relação a ações agressivas.

Este tipo de educação tem diversas consequências prejudiciais à saúde mental destas pessoas. Preti (2008) e Kalish e Kimmel (2010), por exemplo, apontaram que atos de homicídio em massa seriam na verdade canalizações da vontade de suicídio desses autores de uma forma socialmente aceitável. Reuter-Rice (2008) apontou a tendência de motivação para os autores cometerem esses atos era uma necessidade de resposta à violência sofrida na escola por seus pares, que envolviam conteúdos de desmerecimento e menos-valia e os deixava numa posição passiva.

Discussão e Considerações Finais

A quem interessa pensar violência de forma diferente? Pensar em investir em ressocialização da pessoa que comete um ato ao invés de cogitar formas mais severas de punição? O que a mídia divulgaria no horário nobre se não fosse violência? Onde as pessoas projetariam sua agressividade senão desejando torturas e sofrimento aos que cometem atos?

Esses questionamentos são base para problematizarmos os mecanismos de fomento do ciclo de violência em geral, e os papéis co-responsáveis da mídia e da sociedade nisso. Quando falamos em atos de homicídios em massa em escolas estamos falando de uma fatia desta grande dinâmica.

Os “excluídos” da nossa sociedade estão, em essência, plenamente adaptados a ela, pois cumprem a sua exigência de que alguém ocupe o papel de marginalização para que haja uma universalização do dito “normal”. Porém, parte do contrato social é que essas pessoas se afastem, fiquem à margem dos núcleos sociais, não incomodem, e se calem

(Foucault, 2001). Este equilíbrio social é quebrado, então, quando os “excluídos” reagem de maneira chamativa, tomando posse do poder que a violência confere para si. Então as reações sociais são de desespero e falta de entendimento de como isto pode ter acontecido.

Não se faz muita idéia de como os autores dos atos chegaram até ali, mas não se deixam de tecer variadas hipóteses - normalmente unifatoriais, superficiais e/ou referentes apenas a questões internas dos autores - que são divulgadas e validadas na mídia e no senso comum. Ou seja, utiliza-se mais violência, discriminação e preconceito para lidar com a situação, retroalimentando-se o ciclo mimético de violência postulado por Girard (2011).

Um dos motivos para esse tecer de hipóteses que não tem profundidade para gerar ações de resolução, tratamento ou intervenção efetiva nesses atos é o comodismo de manutenção do status quo exposto acima. Parece ser mais simples para a sociedade, em nível micro (cognitivo, emocional e comportamental de cada pessoa em entender sua corresponsabilidade nessa questão) e macro (criação de políticas públicas, mudanças nas estruturas escolares, novas formas de acolhimento às diferenças...) manter a situação da forma em que está.

Porém, ao tempo em que todos esses paradigmas se mantêm, mais atos de homicídios em massa são planejados e executados, deixando consequências devastadoras em diversos níveis. Este tipo de ato, comum nos Estados Unidos e outros países ao redor do mundo, começou a receber mais atenção da população brasileira recentemente, mesmo já tendo acontecido no país por diversas vezes ao longo de quase dez anos.

Porém, mesmo chamando atenção, nota-se uma hegemonia de pensamentos e soluções que pendem para o que aqui já foi muito debatido, que é a retroalimentação da violência. As soluções para novas ameaças de atos similares estão sendo pensadas diretamente no judiciário, que atualmente, no Brasil, não possui muitas ferramentas para lidar com a questão, sejam elas de penas alternativas ou formais.

No outro lado da questão, ainda vê-se resistência de escolas e famílias para tratar dos fatores de risco que esses jovens são expostos antes de iniciarem qualquer processo de planejamento de violência, seja auto ou hetero infringida. Ainda é tabu falar abertamente sobre assédio, bullying e angústias, principalmente em se tratando de pessoas do sexo masculino, que, como foi exposto acima, não são exatamente permitidas a expor certos tipos de vivências e sofrimentos.

Refletir sobre a violência de forma complexa, preocupar-se com seus fatores sociais e discutir formas de ressocialização das pessoas que cometem atos fazem parte de discussões que precisam ser incentivadas na nossa sociedade, que está totalmente defasada nesse quesito. Um pensamento crítico que envolva sugestões para baixar os níveis do ciclo de violência em longo prazo precisa ser considerado.

Reeducar a sociedade na base do seu ensino escolar é, por exemplo, um método com grande potencial para lapidar modos de pensar sobre sofrimento psíquico, educação emocional e violência. Construir mentes que analisam e criticam, e não apenas aceitam o que se é imposto, é algo crucial para obtermos frutos positivos quanto ao posicionamento dos sujeitos sobre mídia e a violência. Entretanto, esta iniciativa envolve reestruturações curriculares que precisam estar amparadas por esferas institucionais e governamentais que estejam dispostas e entendam a importância de tal feito.

Por fim, resta reforçar que todos nós fazemos parte da construção da sociedade que cria a violência, a mantém, a perpetua pelos através da mídia, e também que temos o poder de mudar essa situação. Soluções agressivas como a pena de morte e a diminuição da maioria penal não são respostas efetivas para a questão da violência, e sim mais um agravante. Reiterando a idéia de Girard (2011), agir com violência só a retroalimenta. E, para quebrar esse laço danoso, precisamos descontinuí-la fazendo diferente e reaprendendo

a agir com não-violência, bem como manejar nossa própria agressividade interna afim de não se utilizar de pessoas para projetá-la.

Referências

- Andrade, F. (2009). A influência dos órgãos da mídia no processo penal: o caso Nardoni. *Revista dos Tribunais*, 98(889), 480-505.
- Bauman, Z. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bianchi, B. & Golembiewski, C. (2012). Crime do realengo: uma análise da cobertura jornalística nas revistas Época, Istoé e Veja. *Iniciacom*, 4(2), 1-19.
- Brasiliense, D. (2009). Os vestígios da monstruosidade na feitiçaria e na loucura e os discursos contemporâneos da mídia sobre os sujeitos criminosos. *Revista Fronteiras – Estudo Midiáticos*, 11(2), 123-136.
- Clabaugh G. & Clabaugh A. (2005). Bad apples or sour pickles? Fundamental attribution error and the Columbine massacre. *Educational Horizons*, 83(2), 81-86.
- Coimbra, C. (2001). Mídia e produção de modos de existência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(1), 1-4.
- Flannery, D., Modzeleski, W. & Kretschmar, J. (2013). Violence and school shootings. *Current Psychiatry Reports*, 15, 331-338.
- Foucault, M. (2001). *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes.
- Girard, R. (2011). *Aquele por quem o escândalo vem*. São Paulo: É Realizações.
- Han, B. (2017). *Topologia da violência*. Petrópolis: Vozes.

- Haravuori, H., Suomalainen, L., Kiviruusu, N. & Marttunen, M. (2011). Effects of media exposure on adolescents traumatized in a school shooting. *Journal of Traumatic Stress*, Vol. 24(1), 70–77.
- Jodelet, D. (2001). Os processos psicossociais da exclusão. In B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.
- Kalish, R. & Kimmel, M. (2010). Suicide by mass murder: masculinity, aggrieved entitlement and rampage school shootings. *Health sociology Review*, 19(4), 451-464.
- Langman, P. (2009). Rampage school shooters: a typology. *Aggression and Violent Behavior*, 14, 79–86.
- Leary, M., Kowalski, R., Smith, L. & Phillips, S. (2003). Teasing, rejection, and violence: case studies of the school shootings. *Aggressive Behavior*, 29, 202–214.
- Lima, R. (2011). Após o massacre de Realengo. *Espaço Acadêmico*, 121(6), 130-134.
- Marques, R. (2007). Virginia Tech: anatomia de um massacre à luz da ética da virtude. *Interacções*, 5, 72-81.
- Muschert, G. (2007). Research in school shootings. *Sociology Compass*, 1(1), 60-80.
- Nietzsche, F. (1999). *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ortega y Gasset, J. (2002). *A rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Porto, M. (2002). Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. *Sociologias*, 8, 152-171.
- Preti, A. (2008). School shooting as a culturally enforced way of expressing suicidal hostile intentions. *The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 36, 544–550.
- Ramos, F. & Novo, H. (2003). Mídia, violência e alteridade: um estudo de caso. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 491-497.

- Reuter-Rice, K. (2008). Male adolescent bullying and the school shooter. *The Journal of School Nursing*, 24(6), 350-359.
- Rocha, T. (2012). *Cyberbullying: ódio, violência virtual e profissão docente*. Brasília: Liber Livro.
- Rocque, M. (2012). Exploring school rampage shootings: research, theory, and policy. *The Social Science Journal*, 49, 304–313.
- Rocque, M. & Duwe, G. (2018). Rampage shootings: an historical, empirical, and theoretical overview. *Current Opinion in Psychology*, 19, 28–33.
- Souza, M. (2003). Televisão, violência e efeitos midiáticos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 82-87.
- Verlinden, S., Hersen, M. & Thomas, J. (2000). Risk factors in school shootings. *Clinical Psychology Review*, 20(1), 36–56.
- Zanardi, B. (2010). A imprensa e a liberdade de expressão no estado democrático de direito: análise da concepção de justiça difundida pelos meios de comunicação de massa. *Revista do Instituto dos Advogados do Paraná*, 38(1), 181-288.

PARTE II

HOMICÍDIO SEGUIDO DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA EXPLORAÇÃO PSICANALÍTICA

Introdução

Existe vasta literatura a nível mundial sobre as problemáticas da passagem ao ato na adolescência, sejam auto ou heteroinfligidas. Dentre esse tipo de descarga de agressividade, homicídios e suicídios são, separadamente, exemplos estudados. Porém, existe pouco campo teórico e pesquisas científicas sobre os atos de homicídio seguido de suicídio.

O homicídio seguido de suicídio é um tipo de combinação de passagem ao ato violento que chama atenção, tanto na área Forense quanto na Psicologia. Ele é caracterizado quando uma pessoa tira a vida de um ou mais indivíduos e, após, tira sua própria vida, em até 24 horas (Sá & Werlang, 2007).

Existe pouco material científico sobre este tipo de ato, como pontuou Liem (2010), principalmente falando sobre autores adolescentes. Da literatura disponível, a maioria tem enfoque nos casos onde este tipo de *modus operandi* acontece por motivações aparentemente passionais, em que o perpetrador é do sexo masculino e adulto e a pessoa atingida é sua companheira ou ex-companheira (Sá & Werlang, 2007; Liem, 2010). Ainda, segundo teorias já existentes, Haines, Williams e Lester (2010) afirmaram que pessoas que cometem homicídio seguido de suicídio tem traços de personalidade mais similares a pessoas com comportamentos apenas suicidas do que pessoas com comportamentos apenas homicidas.

Dentre outras recorrências deste *modus operandi*, Harper e Voigt (2007) as categorizaram em “parricídio-homicídio”, “homicídio-suicídio de misericórdia” (o homicídio é realizado em alguém com estado terminal de doenças orgânicas), o “homicídio-suicídio acidental” e o “assassinato em massa-suicídio”. Este último será o tipo trabalhado no presente capítulo, pois existe uma marcada recorrência deste ato entre adolescentes.

Quando acontecem com protagonização de adolescentes, ocorrem diversas vezes no contexto escolar: o adolescente realiza um homicídio em massa, e, após, se suicida. Segundo Muschert (2007), esse tipo de ato é realizado numa escola com a qual o protagonista tem relação, e é feito para atacá-la ou atacar algum grupo simbólico de estudantes, por vingança ou para mostrar poder.

Esses atos geram forte comoção social e repercussão midiática, porém, investigações científicas sobre suas causas são deveras escassas. O que acaba sendo veiculado são informações sensacionalistas e explicações simplistas, onde, segundo Ramos e Novo (2003), muitos dados, como fatores históricos, culturais e sociais do contexto dos acusados, são descartadas. Em adição, Clabaugh e Clabaugh (2005) defendem que confiar na explicação de senso comum de que esses jovens nasceram com alguma característica inata e inexplicável para cometer esses atos exime toda a sociedade, escola e família de alguma contribuição no processo que os levou a realizá-los.

Faz-se necessário olhar para esses atentados cometidos como manifestações contra um sistema problemático em que esses adolescentes estavam inseridos. Amparo e Pereira (2010), defendendo esta necessidade, afirmaram que o sentido de um ato violento na adolescência não pode ser analisado sem se levar em conta a sua ligação com as dimensões psicopatológica, subjetiva, contextual, vivencial, dentre outros fatores que basearam esse agir.

No caso dos adolescentes que cometem homicídios em massa em escolas, alguns fatores que, por exemplo, podem ser mais explorados na discussão sobre motivações para a passagem ao ato são: relações familiares; relações na escola (com a instituição e com pares); fatores culturais; influência da visão armamentista na nossa sociedade; bullying e suas vicissitudes na psique dos jovens; educação social de gênero e suas consequências para a psique dos jovens. Essas e outras temáticas relacionadas a realidades da adolescência e juventude se mostram intimamente ligadas na construção de condições agravantes para a saúde mental dos jovens, tornando passagens ao ato como a discutida no presente estudo possibilidades de vazão a suas angústias psíquicas.

Considerando as informações supracitadas e entendendo o ato de homicídio seguido de suicídio como uma passagem ao ato repleta de sentido e simbolismo, a Psicanálise mostra-se como uma abordagem potencialmente rica para se tecer análises sobre este fenômeno. Ela fornece uma grande gama de possibilidades de discussão sobre fatores de risco que podem ter contribuído para esses atos acontecerem, bem como pode apontar caminhos interpretativos sobre o sofrimento psíquico que esses jovens protagonistas vivenciavam.

Consequentemente, o objetivo deste trabalho é investigar, com a ajuda da abordagem Psicanalítica, desdobramentos psíquicos que podem estar ligados a atos de homicídio seguido de suicídio, entendendo estes como uma manifestação de sofrimento psíquico de gênese multifatorial. Em adição, o delineamento desta pesquisa visa conectar esses desdobramentos com problemáticas específicas da adolescência, tendo em vista que esse tipo de passagem ao ato tem incidência expressiva entre este público. Ao final, pretende-se apontar possíveis caminhos de pensamento crítico e elaborações psicodinâmicas sobre esta temática que instigue futuras pesquisas sobre ela.

A Violência no/do Adolescer

Como sabemos, a adolescência é um período marcado por conflitos, internos e externos. Segundo Gregório e Amparo (2013) essa fase é caracterizada pela violência, desde a violência interna pubertária – já que o adolescente se vê diante de diversas mudanças corporais e psíquicas – até os casos de atuação agressiva do adolescente no ambiente e do ambiente para este.

Os modos de externalizar agressividade – sentimento que Freud (1930/2006) e Winnicott (1984/2005) afirmam ser inerente ao ser humano – e seu controle se tornam foco de visibilidade e cobrança social, visto que novas responsabilidades e maturidades são exigidas nessa etapa de desenvolvimento. A regra de medida dessas externalizações passa para além do controle externo, sendo exigido socialmente maior autocontrole desses jovens com seus afetos.

Além disso, o processo de formação da própria subjetividade fica mais suscetível a entrar em embate com as imposições do mundo externo, numa busca por autonomia na construção da própria realidade social e simbólica, segundo Marin (2003). É neste período que se começa a abrir espaço interno para a individualização de pensamentos, visões de mundo e crenças, o que pode gerar embates quanto às estruturas de pensamento que estavam sendo impostas a esse sujeito pelo seu meio social.

Ao mesmo tempo, novos estímulos afetivos, mentais, sexuais, emocionais e orgânicos, típicos desta fase de desenvolvimento, despontam em abundância na vivência desses jovens. Logo, uma situação de crise é instaurada: é inserida uma grande quantidade de novas demandas externas e internas, e esse sujeito precisa angariar novos recursos para conseguir manejar tudo.

Essas investidas de independência, juntas à tentativa de controle de violência interna, recebem bastante influência do ambiente. Desde a família até grupos de amigos e escola, as relações sociais nas quais o adolescente está inserido possuem peso nas escolhas e caminhos que serão seguidos por ele. Do mesmo modo, os desdobramentos dos seus processos internos reverberam externamente nos participantes dessa rede. Jeammet (2009), em congruência com o pensamento da importância do ambiente na formação do sujeito, afirmou que o quesito que contribui para a diferença de destinos psíquicos e vivenciais dos adolescentes é, em grande parte, moldado pelo papel da realidade externa do ambiente onde cada um deles se encontra.

Winnicott (1984/2005) defendia que os cuidadores de uma criança possuíam papel primordial em sua formação social, psíquica e emocional, e deveriam fornecer um ambiente propício para que este sujeito se desenvolvesse de forma saudável em todos esses quesitos. Vale salientar que o papel de cuidador e/ou cuidadora vai muito além de laços consanguíneos e maternidade e paternidade biológicas. Ele engloba quaisquer figuras de maior referência para o sujeito em aspectos de cuidados, educação e afeto - elementos que não necessariamente envolvem modos saudáveis de serem feitos.

Na medida em que a criança vai se desenvolvendo, a instituição escolar se torna também seu ambiente de referência para que esses processos continuem a se desenvolver. Como o próprio autor afirma, “a escola é uma extensão e ampliação do lar” (Winnicott, 1984/2005, p. 216). É ali o próximo local social de referência para a experimentação de existir no mundo e interagir com suas dinâmicas sociais vigentes.

Quando existem lacunas no cumprimento deste papel cuidador pelos agentes responsáveis por ele, esses indivíduos podem apresentar consequências negativas na sua formação. O excesso de permissividade, rigidez e/ou de violência vindos dos cuidadores, por exemplo, começam a mostrar seus efeitos. Um indivíduo que não teve cuidadores

suficientemente bons na infância, segundo o conceito Winnicottiano, terá mais predisposição ao contato com fatores de risco na adolescência, de acordo com Correa e Barrero (2006). Muitos desses fatores são similares aos da fase anterior, como falta de rede de apoio e de fortificação da personalidade, outros são decorrentes de cobranças da nova fase, como sentimento de inutilidade por não conseguir aprovação em cursos superiores, por exemplo (Correa & Barrero, 2006).

Em consequência a todos esses processos e influências simultâneos, descargas de agressividade para o ambiente e para o próprio Eu tornam-se mais propensas caso não haja suporte e ambiente suficientemente favoráveis para auxiliar o adolescente nesse período de transição para a vida adulta. Segundo Winnicott (1984/2005), o indivíduo percebe essas ocorrências de falha ambiental, e acaba por carregar duas questões internas em decorrência a isso: o processo de maturação psíquica perturbado por essa falha e a esperança que essa falha seja reconhecida e reparada.

Sá (2001) apontou que, conforme a criança ou o adolescente vai se frustrando na busca pelos suprimentos ambientais para sua formação, essa busca pelo reconhecimento e reparação dessa falha se torna cada vez mais ampla: dos pais para os parentes próximos, dos parentes próximos para a escola e da escola para sociedade. Neste movimento, a passagem ao ato violento aparece como expressão desta tentativa de reivindicar os cuidados não recebidos e comunicação da privação vivenciada.

Aprofundando-se na questão da passagem ao ato violento na adolescência, Marty (2012) interpretou que a mesma vem em resposta a uma fragilidade narcísica do sujeito. Essa fragilidade gera enfraquecimento psíquico nesses adolescentes, o que os faz erguerem defesas fundadas muitas vezes no recurso do agir, pois, junto a elas, é construída a fantasia de que diante a ameaça do ambiente o fato de agirem ativamente pode protegê-los. Dentro

desse processo, a agressividade pode, além de ser destinada ao outro, se voltar contra o próprio Eu.

Além das defesas baseadas na passagem ao ato, essa fragilidade narcísica pontuada por Marty (2012) parece trabalhar junto a outras defesas psíquicas, como a projeção. Por meio dela o desejo de destruição é projetado no outro, logo, numa tentativa de sobrevivência, é preciso atacá-lo para se defender das tentativas dessa ameaça externa.

Outro mecanismo inconsciente que pode aparecer ligado à passagem ao ato na adolescência é a identificação, conceito postulado por Freud (1921/2006). O autor, neste texto, a discute como vínculo primário humano e a categoriza em alguns subtipos. Desses, os que podem dar pistas sobre os processos estudados neste estudo são sintetizáveis nas frases de ação inconsciente do Eu: “eu quero ser você”, “eu quero ter você” e “eu quero ter o que você tem”. Algo marcante nesses processos é o investimento libidinal no objeto com o qual o Eu se identifica, seja qual o for o afeto ligado a ele (amor, ódio, inveja, etc...).

O Homicídio e Algumas de Suas Psicodinâmicas

Stahelin (2007), em sua pesquisa sobre a psicodinâmica do comportamento homicida, pontuou que muitos trabalhos ligando análises psicanalíticas ao ato homicida afirmam que este tem relação com um Supereu fraco e uma vitória das pulsões em detrimento ao controle moral do Eu. A autora problematiza esta visão clássica, dizendo que esta é uma idéia que serviria puramente para tranquilização social, pois leva à elaboração de que esses sujeitos tiveram ensinamentos morais ineficazes.

Esta visão de senso comum científico, que amplia para o senso comum popular, parece “confortável” e prática em se pensando em consequências de sanções às pessoas que cometem este tipo de ato: prende-se a pessoa e a deixa-se o máximo de tempo possível

longe do “perigo para a sociedade”, visto que muitas vezes junto ao pensamento clássico vem também a idéia de que essas pessoas “não tem jeito”, e não há muito o que possa ser tratado para que elas sejam reinseridas em sociedade.

Porém, observando-se por outros caminhos teóricos, pode-se entender o comportamento homicida como um ato simbólico que advém de processos psíquicos complexos. Como defende Stahelin (2007), o homicídio muitas vezes entra como opção para o sujeito quando algo da ordem da simbolização e elaboração internas falha e é preciso externalizar toda a angústia e agressividade para sintetizá-la.

A autora ainda acrescenta que nesse tipo de passagem ao ato há uma prevalência do imaginário sobre o simbólico, e que a agressividade se dirige ao outro porque o sujeito que comete o ato encontra-se preso na identificação imaginária com ele. Ou seja, enquanto a energia pulsional não se desprende do imaginário de “quem é esse outro que eu quero matar” e passa para o simbólico do “o que é isso em mim que quero matar”, existem possibilidades dessa identificação imaginária virar uma abertura para atos de agressividade com o outro.

Sobre o ato homicida em específico na fase da adolescência, este parece vir para transformar a realidade vivenciada pela pessoa que o realiza, adaptando essa realidade às possibilidades psíquicas desse sujeito, segundo Marty (2010). Esse agir, segundo o autor, vem vorazmente a serviço das exigências internas pulsionais, para adaptar a parte da realidade externa que não se encontra compatível com a realidade interna (Marty, 2010). Quando então o ato agressivo é cometido a realidade já não é mais a mesma, se torna outra, com novos problemas e novos desafios a resolver. Mas ao menos são novos desafios, e não aqueles anteriores ao ato que não se estava encontrando solução psíquica para lidar.

Essa discrepância entre a realidade interna e a externa é fonte de angústia, porém, passível de ser elaborada para se chegar a um denominador comum de forma simbólica.

Porém, essa angústia somada a uma estrutura de personalidade apoiada por bases narcísicas ainda em processo de solidificação estreita possibilidades e traz a passagem ao ato violento como forma de elaboração. Essa realidade, quando no papel eliciadora frequente de traumas psíquicos, leva a um transbordamento libidinal tão intenso que este se torna impossível de ser elaborado simbolicamente. Faz-se necessário digeri-lo fora – em metáfora, como uma aranha (Marty, 2012) – na tentativa de sobrevivência psíquica.

Na adolescência, é freqüente que o ato de subversão de leis, quando violento e de *modus operandi* homicida, se dê contra familiares ou pares (Marty, 2010). No segundo caso, pertinente ao presente estudo, diz respeito a um ataque de duplo narcísico, o que vem indicando uma possível dificuldade de integrar a própria imagem narcísica como suficientemente estruturada, em diferenciação ao que “sou eu” e “quem é o outro”.

Alguns dos Percursos Psicodinâmicos do Suicídio

Freud (1917/2006), em sua elaboração sobre suicídio, levantou a premissa de que um suicídio é fruto de um impulso homicida que se volta para o próprio Eu. Essa hostilidade faz o retorno de catexia objetal em consequência à introjeção do objeto de investimento no Eu. Logo, segundo o autor, essa escolha objetal narcísica para aniquilação vem da vontade de livrar-se do objeto.

Em caminho teórico similar, incorporando o conceito de Freud (1917/2006) sobre o ato suicida, Menninger (1970) afirmou que existiriam, no mínimo, três desejos que contribuíam que ele fosse realizado: o desejo de morrer, o desejo de matar e o desejo de ser morto. O autor destacou que o desejo de matar poderia ser dirigido não só para um objeto introjetado internamente, mas também para objetos externos, partindo da experiência clínica de que pessoas que atentam contra a própria vida frequentemente verbalizam sobre

desejos de destruir também a vida das pessoas ligadas a ela que sobrevivem. O suicídio seria então, antes de tudo, um homicídio deslocado (Menninger, 1970), onde tem-se a fantasia de que irá atingir o outro por meio de sentimentos de culpa e falta, por exemplo.

Já para Carvalho (2014), o sujeito que escolhe morrer faz essa escolha após uma irrupção do real no corpo, da angústia da castração, que o submete a uma angústia devastadora. A morte então não viria como fonte de angústia, mas sim como uma forma de exterminar essa angústia. A autora ainda afirma que o suicídio pode vir como simbolização de significado para a existência do indivíduo, quando este se encontra aniquilado e empobrecido pelo recorrente abandono do outro ou por uma série de encontros faltosos com o real.

Dentre diversas vertentes de interpretação psicanalítica sobre o comportamento suicida, como os exemplos acima citados, algo que se destaca é a forte influência da relação do sujeito com o ambiente e com os que lá habitam. Fica nítida a relação entre a vontade de aniquilação do Eu, a vontade de aniquilação do outro introjetado no Eu, e traumas vividos pelo sujeito nessa relação, provavelmente faltante, entre ele, o ambiente e suas figuras de referência.

Isso reitera os pontos discutidos anteriormente sobre as diversas violências que permeiam o adolescer, e como cada um dos agentes sociais inseridos (ou faltantes) na vida de uma pessoa pode lhe deixar marcas traumáticas profundas. Nisto, o suicídio aparece como opção, solução e/ou desejo quando há, por exemplo, uma dinâmica de culpabilização de si pelos traumas sofridos.

Além disso, o suicídio parece se tornar uma opção quando o sujeito se vê sem mais esperança e confiança que sua relação com a realidade externa e seu meio social possam lhe dar suporte suficiente para atravessar todas as angústias internas que foi angariando em seu percurso de vida.

Em adendo, se pensarmos em alguém que mesmo em crise continua inserido num ambiente faltante, traumático e/ou gerador de angústia, sem perspectiva prática de mudança de vivência no mundo - como, por exemplo, um adolescente, que muitas vezes não consegue condições financeiras para sair de casa, ou não tem poder de escolha para mudar de escola - a situação se complexifica.

Discussão

É notável que tanto o período da adolescência quanto o ato de homicídio seguido de suicídio são temáticas complexas, repletas de influências que vão além do subjetivo do próprio sujeito. Essas temáticas também mostraram alguns fatores de risco em comum, que, somados, parecem realmente criar uma atmosfera que pode levar um adolescente a praticar esse ato.

Algo que ficou bastante claro foi o equívoco das explicações rasas e unifatoriais existentes sobre jovens que cometem homicídios em massa e se suicidam em seguida. Há tanta riqueza de análise que pode ser inserida nesta temática que é leviano assumir que esses jovens agiram independentes de alguma influência de seu contexto externo. Esse tipo de justificativa parece apenas servir, como ressaltaram Clabaugh e Clabaugh (2005), para eximir a sociedade de possíveis falhas para com esses jovens.

Fatores ambientais na vida de qualquer ser humano são de suma importância para o tipo de formação psíquica, moral e social que ele terá. Jeammet (2009) ressaltou a questão de esses fatores influenciam nos diferentes destinos possíveis de vida dos adolescentes, e não poderia ter traduzido melhor as consequências dessa relação. A realidade apresentada ao Eu o molda, e pode vir a ser destrutiva e angustiante para ele num nível tão intenso que seja necessário a destruir fora e dentro de si para encerrar com o sofrimento que foi gerado.

Esse afeto ameaçador parece não encontrar espaço interno para ser digerido, então ele é dirigido para fora, para o outro, para que este o receba, auxiliando no processo. O ato vem, como conceituou Marty (2010) como prótese psíquica, e o papel do outro entra como um coadjuvante involuntário.

Interessante pontuar também algo que Winnicott (1984/2005) já afirmava: o indivíduo sabe, em algum nível, da existência da falha ambiental. Ele carrega esse peso, como chamou o autor, dentro de si desde seus primeiros anos de vida quando o ambiente não lhe é suficientemente bom. A esperança de reconhecimento e reparação dessa falha vem como busca em todas as camadas sociais desse sujeito, como trouxe Sá (2001): dos pais aos parentes, após à escola, em seguida à sociedade. Quando essa demanda chega à sociedade, em casos extremos, pensando em nossa realidade sociocultural atual, os destinos se reduzem: prisão ou morte.

Ao considerar o recorte específico feito aqui, de adolescentes que realizam atentados em massa nas suas escolas e cometem suicídio após, vários pontos pertinentes podem ser tecidos sobre esse contexto. Não é foco do atual estudo de aprofundar neles, mas é importante citar alguns para ampliar a visão sobre o peso das relações sociais em atos de homicídio seguido de suicídio.

Winnicott (1984/2005) deixou claro que a escola é um espaço com destaque de referência de cuidados para o sujeito, e tem bastante importância no seu desenvolvimento a partir do momento em que ele adentra no mundo escolar. É preciso também levar em conta que uma pessoa passa (ou deveria passar) parte significativa de seu tempo no ambiente escolar desde a sua primeira infância até, em média, sua maioridade, e que a escola é um dos primeiros contatos da pessoa com o mundo social, onde ela precisa criar independência e fortalecimento psíquico para lidar com os diversos tipos de demanda inseridos nesse mundo.

Quando a sua experiência escolar é traumática em algum nível e não existe suporte suficiente para abrandar seus efeitos, nem na própria escola nem em casa, consequências psíquicas negativas tem bastante tendência a ocorrer. Se juntarmos a isso o período tão belicoso e psiquicamente fragilizado da adolescência, um ato como o do escopo deste estudo não parece absurdo e sem sentido de ocorrer, como insistem muitas vezes a mídia e algumas linhas científicas.

Em uma situação traumática, o sentimento de passividade é algo comum de ocorrer, e a adolescência em si já traz um aspecto traumático e passivo ao sujeito por essência de suas irrupções. O recurso do agir, em contraponto, traz um lugar daquele que decide, que está sob controle. Marty (2010) ainda acrescenta a esse aspecto que o sujeito que age pode estar ocupando o lugar do seu agressor, por identificação a ele.

Esse outro agressor ocupa um lugar de investimento libidinal no Eu, e o mecanismo de identificação, como já pontuado por Marty (2010), junto ao mecanismo de projeção, se mostram chave para investigar possibilidades psíquicas presentes na passagem ao ato homicida. O sujeito se identifica com o outro, que o gera sofrimento e angústia a nível real e/ou simbólico, e projeta seu desejo de destruição desse outro nele. Logo, o ataca para se defender dessa tentativa de ameaça externa.

Levando esses pontos em consideração, e lembrando a fala de Muschert (2007), de que adolescentes cometem atentados em massa em escolas que tem ligação significativa para eles, no intuito de atacar a ela ou a algum grupo simbólico de estudantes, numa demonstração de poder ou vingança, pode-se tecer uma possibilidade de ligação entre os processos psicodinâmicos acima colocados e a descrição fenomenológica realizada pelo autor.

Seguindo, sobre os desdobramentos psicodinâmicos do *modus operandi* homicídio seguido de suicídio, alguns pontos comuns foram notados em relação aos dois atos em

separado. A fragilidade narcísica, por exemplo, é uma questão que apareceu em resultado às pesquisas sobre a psicodinâmica dos dois atos. Algo interessante de se acrescentar é que a adolescência também é um período marcado, em essência, pela fragilidade narcísica, como trouxe Marty (2012). Ou seja, essa fase do desenvolvimento pode acentuar ainda mais a relação do sujeito com essa fragilidade.

O ato se encontra regido pela defesa psíquica construída para lidar com essa fragilidade, numa tentativa de ataque como proteção contra as ameaças externas. Ameaça essa supracitada, proveniente de identificação e projeção do sujeito no outro. A questão do homicídio se torna uma clara conexão, mas o suicídio também é um ato que tange ao outro. Nos dois tipos de ato o outro é o coadjuvante.

O suicídio, como visto anteriormente, é tido por Freud (1917/2006) e Menninger (1970) como um atentado ao outro dentro de si mesmo. O outro está investido, identificado e introjetado no Eu, e, para exterminá-lo, é preciso atentar contra a própria vida. E esse extermínio não vem apenas de forma simbólica e interna, como pontuou Menninger (1970), pois muitas vezes o comportamento suicida vem com verbalizações do desejo de que os que estão próximos ao sujeito sofram com sua morte.

Mas, e então, o que levaria alguém a cometer não apenas um desses atos violentos, mas os dois, seguidos um do outro? Algumas pistas podem ser encontradas numa fala de Jeammet (2009), sobre a passagem ao ato: ele afirma que após o ato, ocorre uma angústia imensa no sujeito, por ele perceber a importância que o objeto atacado tinha para ele, seu investimento psíquico nele. O suicídio poderia vir então para interromper essa angústia.

Outra questão a se pensar é em relação ao que Menninger (1970) discute sobre o homicídio seguido de suicídio, de que esse ato é um processo lógico onde o desejo de matar não fica apenas simbólico, precisa ser posto em prática antes que se possa levar adiante o desejo de morrer.

Mais hipóteses sobre o porquê deste ato duplo ao invés da escolha de apenas um deles pode vir da relação – em específico, do caso citado entre adolescentes e escolas – de um desejo de pertencimento dos protagonistas dos atos. Este ponto entrou em nosso escopo, e circunda a fase da adolescência. A necessidade de aceitação e identificação social entre pares é algo primordial para a maturação psíquica de uma pessoa. Ser parte de algum lugar, respeitado e acolhido. Tendo isso em vista, a hipótese de que esses adolescentes pensaram que, ao menos na morte todos estariam no mesmo patamar, todos seriam iguais, não pode ser descartada.

Considerações Finais

Ao fim desta problematização, neste momento, chegou-se a incitação de mais perguntas e hipóteses do que construção de respostas sobre a temática investigada. Esta foi, desde sempre, a função desta pesquisa.

Pretendeu-se mostrar que existem diversos caminhos teóricos a se explorar sobre possíveis psicodinâmicas e influências externas relacionadas a atos de homicídio seguido de suicídio na adolescência. Estes que foram citados aqui são exemplo, mas com certeza existem muitos mais, em outras abordagens teóricas, em outros recortes de pensamento, em outras profissões relacionadas à saúde mental, etc.

Toda essa argumentação para firmar que existem outros modos de ver estes atos do que os modos de senso comum, científicos, midiáticos e sociais. A abertura para este entendimento tem muito potencial para influenciar em novas formas de pensar em tratamento e prevenção destes atos, visto que, atualmente, não existem propostas suficientes voltadas para estes objetivos.

É importante lembrar que em todos os processos explorados – adolescência, suicídio e homicídio – algo que se precisa considerar é a relação do sujeito com seu ambiente e suas figuras de referência, para além de seus processos psicodinâmicos internos. Entender essas relações é essencial para traçar caminhos de entendimento de como os destinos de uma pessoa chegam aonde chegam. Não se pode excluir a influência da criação do sujeito, bem como seus participantes, para que se faça uma análise ética e verdadeiramente esclarecedora sobre ele e seus atos.

Por fim, sugere-se que novos estudos sobre essa temática sejam feitos, sejam pautados na Psicanálise ou em outras abordagens, dada a sua complexidade e importância. Diversas questões ainda se encontram em aberto sobre as vicissitudes e desdobramentos psíquicos e extrapsíquicos que se combinam para gerar como consequência o *modus operandi* aqui estudado. Quanto mais pudermos nos debruçar a pesquisar e entender atos como o descrito no presente trabalho, maiores são as chances de que eles possam ser prevenidos de forma mais eficaz no futuro.

Referências

- Amparo, D. & Pereira, M. (2010). Adolescência e passagem ao ato violento: aspectos clínicos e psicodinâmicos. In D. Amparo, S. Almeida, K. Brasil & F. Marty (Ed.), *Adolescência e violência: teorias e práticas nos campos clínico, educacional e jurídico* (pp. 67-88). Brasília: Liber Livro.
- Carvalho, S. (2014). *A morte pode esperar? Clínica psicanalítica do suicídio*. Salvador: Associação Campo Psicanalítico.
- Clabaugh G. & Clabaugh A. (2005). Bad apples or sour pickles? Fundamental attribution error and the Columbine massacre. *Educational Horizons*, 83(2), 81-86.

- Correa, H. & Barrero, S. (2006). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu.
- Freud, S. (1917). "Luto e melancolia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1930). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Gregório, G. & Amparo, D. (2013). A violência adolescente e as complexidades do agir. *Interacções*, 26, 113–128.
- Haines, J., Williams, C. & Lester, D. (2010). Murder-suicide: a reaction to interpersonal crises. *Forensic Science International*, 202, 93–96.
- Harper, D. & Voigt, L. (2007). Homicide followed by suicide: an integrated theoretical perspective. *Homicide Studies*, 11(4), 295–318.
- Jeammet, P. (2009). As patologias do agir na adolescência. In M. Amaral (Ed.), *Educação, psicanálise e direito: combinações possíveis para se pensar a adolescência na atualidade* (pp. 23-57). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Liem, M. (2010). Homicide followed by suicide: a review. *Aggression and Violent Behavior*, 15(3), 153–161.
- Marin, I. (2003). Violência e transgressão: interrogando a adolescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 6(3), 94-109.
- Marty, F. (2010). Violência e passagem ao ato homicida na adolescência. In D. Amparo, S. Almeida, K. Brasil & F. Marty (Ed.), *Adolescência e violência: teorias e práticas nos campos clínico, educacional e jurídico* (pp. 45-66). Brasília: Liber Livro.

- _____. (2012). “A função do agir na adolescência.” In D. Amparo, S. Almeida, K. Brasil, M. Conceição & F. Marty (Ed.), *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais* (pp. 17-29). Brasília: Liber Livro.
- Menninger, K. (1970). *Eros e Tânatos: o homem contra si próprio*. São Paulo: Ibrasa.
- Muschert, G. (2007). Research in school shootings. *Sociology Compass*, 1(1), 60-80.
- Ramos, F. & Novo, H. (2003). Mídia, violência e alteridade: um estudo de caso. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 491-497.
- Sá, A. (2001). Delinquência infanto-juvenil como uma das formas de solução da privação emocional. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(1), 13-22.
- Sá, S. & Werlang, B. (2007). Homicídio seguido de suicídio na cidade de Porto Alegre. *Estudos de Psicologia*, 24(2), 181–189.
- Stahelin, L. (2007). *O homicídio a partir do conceito psicanalítico de supereu*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Winnicott, D. (1984). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PARTE III

FATORES PSICOSSOCIAIS EM HOMICÍDIOS EM MASSA NAS ESCOLAS PELA VISÃO DE JOVENS: ESTUDO DO CASO COLUMBINE

Introdução

*There are no easy answers. But we
should never stop asking the questions.*

Brooks Brown

Homicídios em massa realizados em escola são fenômenos impactantes, devido o potencial de consequências drásticas que carrega, e polêmicos, face às diversas tentativas de se entender as motivações para seu cometimento. Porém, até os dias atuais, não há um consenso em estudos sobre essa temática que tenha sido traduzida em tratamento e prevenção de forma humanizada e efetivamente replicável.

Como existem variações de *modus operandi* e contextos diversificados no assunto, conceituaremos a base deste estudo segundo Muschert (2007), que define esses atos como perpetrados por membros ou ex-membros da escola atacada, com o objetivo de agredir a instituição ou um grupo de pessoas selecionadas por relevância simbólica ao(s) autor(es).

Atualmente, as informações públicas sobre esses acontecimentos são majoritariamente difundidas pelos veículos de comunicação. As coberturas midiáticas vão desde os momentos ao vivo dos incidentes, até longas matérias principais fomentando teorias de viés sensacionalista sobre os autores dos atos e suas supostas motivações.

Uma das grandes questões a ser criticadas nessas coberturas midiáticas são as tentativas de explicação unifatoriais envolvidas no processo. Sejam de cunho individual (por exemplo, supostos diagnósticos de transtornos mentais sem embasamento apropriado) ou social (por exemplo, supostas rejeições amorosas de pares), são explicações superficiais que mascaram a complexidade desse fenômeno e atrapalham seu entendimento com profundidade.

Alguns estudiosos do fenômeno comprometidos com uma visão holística da questão (Clabaugh e Clabaugh, 2005; Muschert, 2007; Vieira, Mendes & Guimarães, 2009; e Hong, Cho, Allen-Meares & Espelage, 2011, dentre outros) chamam atenção para o fato de que não é possível isolar nenhuma causa como única eliciadora desse ato. Ele é, na verdade, uma junção de diversos fatores psicossociais combinados, cada um com um peso diferente na vida de cada autor, somados a suas próprias subjetividades.

Voltando-se para as veiculações científicas sobre os homicídios em massa nas escolas e seus autores, há uma marcada tendência de divisão de visões: pesquisadores que focam em supostos fatores intrínsecos dos autores como causa dos seus atos, e os que se debruçam a estudar fatores externos envolvidos nesse fenômeno.

Dentre os que focam seus estudos em comprovar fatores intrínsecos nos autores dos atos (como Langman, 2009a e 2009b; e Cullen, 2010), nota-se uma tendência a gerar diagnósticos *post mortem* exibidos como sólidos baseados em análises midiáticas, documentações públicas e informações pouco precisas sobre essas pessoas.

Esse tipo de análise diversas vezes acaba por validar cientificamente diversos estereótipos, difundidos pelo senso comum e pela mídia, sobre esses jovens e suas vivências. Este movimento intensifica mecanismos de preconceito e exclusão social de pessoas com perfis similares aos mostrado na mídia como “jovens perigosos”. Tudo isso alimenta um ciclo de violência e revanchismo entre a sociedade e essas pessoas excluídas,

onde a violência contra o outro é justificada por um sentimento de se sentir violentado “primeiro” (Girard, 2011).

Em contraponto, a linha de pesquisa com enfoque em fatores psicossociais (tal como Verlinden, Hersen & Thomas, 2000; Harding, Fox & Mehta, 2002; e Hong, Cho, Allen-Meares & Espelage, 2011) vem se mostrando mais fecunda para pensarmos além do senso comum e explorar possíveis fatores de risco externos que influenciam nesses atos.

Dentre os possíveis fatores psicossociais influenciadores de homicídios em massa nas escolas já levantados estão, por exemplo, violência transmitida pela mídia, cultura armamentista, problemas familiares, relações entre pares, mudanças demográficas súbitas e cultura da violência (Harding, Fox & Mehta, 2002). Outros fatores que aparecem com frequência incluem vitimização por bullying e fracasso em instâncias sociais, como polícia e coordenação escolar, em notar mudanças de comportamento prévias nos autores dos atos.

Porém, algo que é recorrente em qualquer estudo sobre homicídios em massa em escolas e seus autores é a dificuldade de acesso a informações e dados com maior pureza científica. Elsass, Schildkraut e Stafford (2016) e Page (2016) identificaram que a coleta de dados é o maior desafio e ponto mais difícil em se tratando de uma pesquisa científica nessa temática.

Isso se dá, diversas vezes, pelo fato dos autores dos atos cometerem suicídio logo após a sua realização, o que torna limitado o acesso a informações confiáveis sobre eles, suas vivências e suas motivações. Em adendo, os dados secundários disponíveis muitas vezes estão já enviesados pelas tendências midiáticas e/ou de senso comum no que se refere a esses jovens e seus atos.

Page (2016) ainda atenta para o fato de que cada meio de fornecimento de dados irá transmiti-los diferente a depender da sua audiência e de fatores como paradigmas de desejabilidade social. Nenhum ator coadjuvante nesses fenômenos é totalmente neutro,

visto que sempre haverão cobranças sociais para cada um dos papéis deles como influência desses atos.

Tendo isto em vista, foram analisadas as melhores opções para a realização de coleta de dados para esse estudo. Neste processo, notou-se que, dentre as opções normalmente utilizadas quando se buscavam entrevistas e relatos de pessoas sobre os casos, a fala dos pares aparece numa quantidade bastante escassa. Isto causou estranhamento, visto que pares possuem vivências em ambientes e condições sociais com diversas similaridades (Kandel e Andrews, 1987; Espelage e Holt, 2001; Brown, 2004; e Outeiral, 2008), e seriam fontes de pesquisa mais precisas sobre, por exemplo, fatores psicossociais que podem influenciar nesses casos.

Outro fator sobre a importância da fala dos pares é de que, muitas vezes, segundo Espelage e Holt (2001), adolescentes procuram primeiramente seus pares com os quais tem relações de confiança para conversar sobre problemas, sentimentos, medos, etc., o que aumenta o tempo em que passam em grupo juntos. Deste modo, optou-se por pesquisar as vivências de pares de autores de homicídios em massa nas escolas em busca de apontamentos sobre fatores psicossociais relacionados às suas vivências, com a hipótese de que esses autores passaram por vivências similares. Propõem-se que isto pode elucidar mais claramente e de forma mais real sobre o cotidiano desses jovens autores deste ato.

Visto que, como já falado anteriormente, homicídios em massa em escolas são atos que envolvem diversos fatores, espera-se com esta pesquisa ser possível explorar espaços psicossociais que podem receber intervenções e tratamentos para, em conjunto, ampliar o poder de prevenção de futuros atos como os aqui estudados.

Método

Situação-Problema

Para a análise deste estudo foi escolhido um caso bastante famoso dentro em homicídios em massa nas escolas: Eric Harris (18 anos) e Dylan Klebold (17 anos) e a escola Columbine, no Colorado, Estados Unidos. O incidente ocorreu em 20 de abril de 1999, e atualmente, vinte anos depois, ainda é citado por alguns jovens enquanto que cometem atos similares enquanto inspiração.

Para além da sua popularidade mundial, este caso foi escolhido por possuir um registro diferenciado: Brooks Brown, amigo íntimo dos dois jovens, escreveu uma biografia da sua época de escola com Eric e Dylan. O livro, ainda sem tradução para o português, se chama “*No easy answers: the truth behind death at Columbine*”¹ (Brown & Merritt, 2002).

O livro foi escrito por Brown com ajuda de um colega jornalista, Rob Merritt, segundo eles, para que pudesse conter maior organização e clareza na narrativa. Nele, Brown conta desde quando conheceu os dois jovens, na primeira etapa do ensino fundamental, passando por toda sua caminhada juntos pelo ensino fundamental e médio, culminando na tragédia de Columbine, e também a repercussão do caso em sua vida.

Essa escolha foi feita, como proposto anteriormente, pelo entendimento de que narrativas de pares sobre esses atos podem ser bastante profícuas para a análise de fatores situacionais, ambientais e psicossociais envolvidos no seu contexto. Neste caso em específico, por ser um amigo íntimo dos dois autores a interação se torna ainda mais rica, pois promove detalhes aprofundados de suas vivências, que nem todos os seus outros pares tiveram acesso.

Tipo de Pesquisa

¹ “Sem respostas fáceis: a verdade por trás da morte em Columbine”, em tradução livre.

Dado o tipo de amostra escolhido para o presente estudo, a metodologia que se mostrou com mais ferramentas para gerar uma análise mais inclusiva e sem amarras, o que acredita-se ser um modo de pesquisa qualitativa mais aproximado da experiência vivida pelas pessoas de modo holístico, foi a Abordagem Narrativa.

Para Labov (1997), um dos precursores desta abordagem, a narrativa de uma experiência pessoal abrange o relato de eventos que fazem parte da biografia de quem está narrando, por meio de uma sequência temporal de orações. Em adição, Bastos e Biar (2015) argumentam que a abordagem narrativa tem um local privilegiado na análise de questões de pesquisa ligadas com a construção identitária e a interação social de uma pessoa com o mundo.

O alcance de obtenção de dados para esta abordagem engloba desde entrevistas e gravações de narrativas orais, até diários, autobiografias, narrativas escritas e notas de trabalho de campo (Paiva, 2008). Dentro destas amostra, pode-se realizar uma Análise Narrativa, que, segundo Paiva (2008), se faz pela reunião de acontecimentos narrados e em seguida a produção de uma história explicativa.

Uma das vantagens da Abordagem Narrativa, que fez diferença para a sua escolha em detrimento de outras neste estudo, foi que com seu uso não há possibilidade de considerar pressupostos a priori de identidades, estereotipadamente, do modo paradigmático com o qual a sociedade se dinamiza (Bastos e Biar, 2015). Como pretende-se aqui analisar a temática para além dos estereótipos já criados para este ato e seus autores, a escolha pela abordagem de análise deveria ir de acordo.

Por fim, ainda sobre esta abordagem, Nunes, Paula, Bertolassi e Neto (2017) defendem que o estudo qualitativo por meio de narrativas permite pesquisas que vão além da transmissão de informações, pois consegue capturar sentimentos, tensões e opiniões que fogem da linearidade categórica e de recortes restritos de amostra feitos por outras

abordagens. Deste modo, faz-se com que a experiência vivenciada seja revelada com maior autenticidade.

Análise dos Dados

Os dados, após recolhidos, serão analisados comparando-se com as proposições teóricas de Harding, Fox e Mehta (2002), advindas de seu estudo qualitativos sobre homicídios em massa nas escolas. Nessa teoria, eles afirmam que um ato desses envolve cinco fatores “necessários, mas não suficientes” de condições para acontecerem. Este modelo fala de fatores que eles perceberam estar presentes em muitos dos homicídios em massa em escola, mas não serem os únicos suficientes para que estes ocorram.

Esses fatores, segundo os autores, são:

- “Disponibilidade de armas de fogo”, que critica a cultura armamentista e o acesso a armas de fogo pelos jovens;
- “Aderência a algum modelo cultural em particular que corrobora para um homicídio em massa em uma escola”, que fala de um ambiente tão hostil para o jovem que o leva a cogitar que a idéia de realizar este ato é o único modo de modificar aquele ambiente e sair daquele modelo;
- “Percepção do jovem de uma posição social de marginalização e exclusão num contexto significativo para ele”, neste caso trazendo as necessidades de identificação e pertencimento típicas da fase adolescente como importantíssimas para seu desenvolvimento saudável, e questionando quando o contexto onde eles querem ser aceitos os rejeita e os violenta;
- “Problemas na vida pessoal que ampliam o impacto da marginalização social do jovem”, trazendo aqui traumas, experiências de abuso, perdas e etc, que deixam

os recursos emocionais e psicológicos dos jovens enfraquecidos para lidar com a marginalização social; e

- “Falência das instituições de suporte social em notar oscilações e problemas nesses jovens”, criticando aqui as omissões, faltas de preparo e falhas dos sistemas institucionais (como escola, família e polícia) para notar sinais de algo diferente nos jovens e tentar reparar antes de algo drástico acontecer.

Acredita-se que o uso desta base de parâmetros teóricos pode nortear caminhos de interpretação de fatores psicossociais que permeiam a narrativa escolhida para análise, tornando mais apurada esta leitura de dados.

Resultados

Foi possível notar diversas nuances e influências psicossociais relacionadas a fatores de risco pelas vivências narradas em Brown e Merritt (2002). Para tornar mais didática a apresentação dos resultados e discussões, utilizar-se-á a sequência dos cinco fatores propostos por Harding, Fox e Mehta (2002) ao comentar-se sobre os achados. Ademais, buscando manter a pureza do discurso narrativos, optou-se por deixar os trechos do livro selecionados como exemplo no idioma original dos escritos.

Disponibilidade de armas de fogo

A disponibilidade do acesso a armas de fogo difere - perante as leis - entre os países, e, no caso dos Estados Unidos, também entre Estados. Porém, é notável que o acesso a este tipo de armamento pode ser feito por vias que vão além das leis vigentes, independente do país.

No caso de Eric e Dylan em específico, eles residiam em um Estado onde a compra e o porte de armas de fogo era legalizado para pessoas acima de 18 anos. Brown conta, em sua narrativa, o que descobriu sobre a obtenção dos jovens de armas de fogo e outras munições utilizadas para seu ataque à Columbine, tudo isso após o acontecido:

“Existing laws already state that guns cannot be sold to youths under eighteen, and Eric and Dylan found a way around that. Three of their guns were purchased at a gun show, with the help of a fellow student who was eighteen. Their TEC-9 handgun was bought illegally through a network of friends; the final transaction took place behind a pizza store. No matter how strict the gun laws were, Eric and Dylan were determined to find a way around them. If people want to buy weapons illegally, it's only a matter of time before they succeed.” (p. 18)²

“Eric and Dylan were introduced to far more powerful explosives that last summer. At some point, they discovered recipes on the internet for building pipe bombs using ordinary PVC pipe and powder from leftover fireworks.” (p. 70)³

Nota-se aqui uma forte influência da normalização do acesso a materiais como estes, mesmo entre jovens. As “promessas de poder” que a cultura armamentista proporciona parecem ser facilmente assimiladas e desejadas a depender do estado psicológico de uma pessoa. Uma arma de potencial letal é temida por qualquer um, dá

² “As leis já existentes afirmam que armas não podem ser vendidas a jovens com menos de dezoito anos, e Eric e Dylan encontraram uma maneira de contornar isso. Três de suas armas foram compradas em um show de armas, com a ajuda de um colega que tinha dezoito anos. Sua arma TEC-9 foi comprada ilegalmente por meio de uma rede de amigos; a transação final aconteceu atrás de uma pizzaria. Por mais estritas que fossem as leis de armas, Eric e Dylan estavam determinados a encontrar uma maneira de contorná-las. Se as pessoas querem comprar armas ilegalmente, é apenas uma questão de tempo até que elas tenham sucesso.” (Tradução livre)

³ “Eric e Dylan foram apresentados a explosivos muito mais poderosos naquele último verão. Em algum momento, eles descobriram receitas na internet para a construção de bombas caseiras usando tubos comuns de PVC e pó de sobras de fogos de artifício.” (Tradução livre)

poder quase que incondicional a quem a porta. É de um simbolismo marcante jovens buscarem armas de grande potencial letal para se comunicar com o mundo. Isso, observado no caminho inverso, pode dar pistas de possíveis sentimentos que eles queriam exprimir/sentir realizando essa manifestação tão extrema.

Aderência a algum modelo cultural que corrobora para um homicídio em massa em uma escola

Por toda a fala de Brown (2002), permaneceu clara a inserção num meio ambiente escolar de violência, onde tudo era normalizado e se mantinha, sem intervenções. Pode-se, então, falar de uma cultura escolar de violência velada. O próprio Brown utiliza o termo “cultura” para falar de como as coisas aconteciam em Columbine, afirmando que Eric Harris concordava com ele:

“The thing is, Columbine's culture worshipped the athlete — and that unconditional adulation had a pretty bad effect on many of the jocks at our school. Eric shared my opinion on that.”⁴ (p. 47)

O “efeito ruim”, citado por ele, fazia parte da cultura também, visto que os que eram “adulados” não sofriam sanções por cometer violência, logo, a cometiam em qualquer momento e local da escola, principalmente quando havia uma grande concentração de pessoas em volta.

A dinâmica da cultura de violência na escola foi frequentemente denunciada por Brown durante sua fala, visto que ele acreditava ter sido um dos maiores fatores a levar Eric e Dylan a cometerem seu ato violento. E, para além da falta de sanções aos alunos que

⁴ “A questão é, a cultura de Columbine adorava o atleta - e essa adulação incondicional teve um efeito muito ruim em muitos dos atletas de nossa escola. Eric compartilhava minha opinião sobre isso.” (Tradução livre)

cometiam violência, havia retaliação aos alunos que denunciavam essa violência: estes eram vistos como “criadores de problema”:

*“Eric and Dylan are the ones responsible for creating this tragedy, (...) however, Columbine is responsible for creating Eric and Dylan.”*⁵ (p. 163)

*“If people wanted to know what Columbine was like, I'd tell them about the bullies who shoved the kids they didn't like into lockers, or called them 'faggot' every time they walked past. I'd tell them about the jocks who picked relentlessly on anyone they considered to be below them. The teachers who turned a blind eye to the brutalization of their pupils, because those pupils weren't the favorites. I'd told them about the way those who were 'different' were crushed, and fights happened so regularly outside school that no one even paid attention. I'd told what it was like to live in constant fear of other kids who'd gone out of control, knowing very well that the teachers would turn a blind eye. After all, those kids were their favorites. We were the troublemakers.”*⁶ (p. 163)

Para além da cultura intramuros, Brown também mostrou uma visão ampliada sobre a cultura social da violência, e de como ela se mantém na sociedade:

“Why do people wonder where Eric and Dylan came from? I guess they ask because they never look at themselves. We as a society allowed Eric and

⁵ “Eric e Dylan são os responsáveis por criar essa tragédia, (...) no entanto, Columbine é responsável por criar Eric e Dylan.” (Tradução livre)

⁶ “Se as pessoas quisessem saber como era Columbine, eu diria a elas sobre os valentões que empurraram as crianças que não gostavam para os armários, ou as chamavam de 'bicha' toda vez que passavam. Eu contaria a elas sobre os atletas que implicavam incansavelmente com qualquer um que considerassem abaixo deles. Os professores que fechavam os olhos para a brutalização de seus pupilos, porque esses pupilos não eram os favoritos da escola. Eu diria a elas sobre o modo como aqueles que eram ‘diferentes’ eram esmagados, e as lutas aconteciam tão regularmente fora da escola que ninguém sequer prestava atenção. Eu contaria como era viver em constante medo de outras crianças que saíram do controle, sabendo muito bem que os professores fariam vista grossa. Afinal, essas crianças eram suas favoritas. Nós éramos os encrenqueiros.” (Tradução livre)

Dylan's creation. If we sit back and wait for society to fix itself it will never happen.

We will only see more of the same.” (p. 269)

Percepção do jovem de uma posição social de marginalização e exclusão num contexto significativo para ele

A posição social de exclusão de Brown, e também de Eric e Dylan, ficam claras durante a narrativa, tal como suas consequências diárias na vida desses jovens:

*“It seems like once you get to high school, all of the social groups are decided within the first few weeks. Once they've solidified, the cruelty begins. Sometimes kids would just ignore us. But often, we were targets. We were freshmen, and computer-geek freshmen at that. At lunchtime the jocks would kick our chairs, or push us down onto the table from behind. They would knock our food trays onto the floor, trip us, or throw food as we were walking by. When we sat down, they would pelt us with candy from another table. In the hallways, they would push kids into lockers and call them names while their friends stood by and laughed at the show. In gym class, they would beat kids up in the locker room because the teachers weren't around.”*⁸ (p. 50)

⁷ “Por que as pessoas se perguntam de onde Eric e Dylan vieram? Eu acho que elas perguntam porque eles nunca olham para si mesmos. Nós, como sociedade, permitimos a criação de Eric e Dylan. Se nos sentarmos e esperarmos que a sociedade se conserte, isso nunca acontecerá. Só veremos mais do mesmo.” (Tradução livre)

⁸ “Parece que quando você chega ao ensino médio, todos os grupos sociais são decididos nas primeiras semanas. Uma vez que eles se solidificaram, a crueldade começa. Às vezes as crianças simplesmente nos ignoravam. Mas muitas vezes éramos alvos. Nós éramos calouros, e calouros nerds de computador. Na hora do almoço, os atletas chutavam nossas cadeiras ou nos empurravam na mesa por trás. Eles derrubavam nossas bandejas de comida no chão, nos faziam tropeçar ou nos jogavam comida enquanto caminhávamos. Quando nos sentávamos, eles nos apedrejavam com doces de outra mesa. Nos corredores, eles empurravam as crianças para os armários e os chamavam de nomes enquanto os amigos ficavam de pé e riam do espetáculo. Na aula de ginástica, eles batiam nas crianças no vestiário porque os professores não estavam por perto.” (Tradução livre)

Além disso, Brown relata que, após receberem esse tipo de tratamento por quatro anos seguidos, percebia Eric e Dylan pareciam ter se acostumado com esta posição de humilhação e menos-valia. O narrador demonstra que tinha preocupação enquanto a inércia de reação externa dos amigos, pois acreditava que eles estavam introjetando toda aquela raiva sem dar vazão a isso:

“This was especially impressive since, as always, the jocks were still targeting Eric and Dylan. (...) A bunch of football players drove by, yelled something, and threw a glass bottle that shattered near Dylan's feet. I was pissed, but Eric and Dylan didn't even flinch. ‘Don't worry about it, man’, Dylan said. ‘It happens all the time’. Another time, Eric and Dylan were searched for drugs after someone in school ‘reported them’ as a way to harass them. Eric and Dylan were removed from class and searched. Their lockers and their cars were searched as well. No drugs were turned up, but the two of them had been humiliated nonetheless.

*They shrugged it off.”*⁹ (p. 108)

Um tom “desesperançoso” de Brown sobre este tema parece percorrer a narrativa, tal como a desesperança trazida por ele que Eric e Dylan transpareciam. É notável o tom de pesar com o qual o garoto conta sobre a caminhada final de seus amigos pouco antes do atentado, rememorando postumamente como ele viu a progressão psicológica deles. Marcante também é ele trazer esse plano macro, percebendo que vários outros jovens ainda passam por processos similares:

⁹ “Isso foi especialmente impressionante, pois, como sempre, os atletas ainda estavam atacando Eric e Dylan. (...) Um bando de jogadores de futebol passou, gritou alguma coisa e jogou uma garrafa de vidro que se quebrou perto dos pés de Dylan. Eu fiquei irritado, mas Eric e Dylan nem sequer recuaram. ‘Não se preocupe com isso, cara’, disse Dylan. ‘Isso acontece o tempo todo’. Em outra ocasião, Eric e Dylan foram revistado a procura de drogas depois que alguém na escola ‘os denunciou’ como uma maneira de assediá-los. Eric e Dylan foram retirados da aula e revistados. Seus armários e seus carros foram revistados também. Nenhuma droga foi encontrada, mas os dois foram humilhados mesmo assim. Eles deram os ombros.” (Tradução livre)

“I believe it was hopelessness. They saw no real future for themselves, and no acceptance from those around them. They became self-hating. Then they started to hate those around them. Then they became angry, and then they became violent. Finally, in one insane, twisted moment, they believed they had power over a world that had kept them down. (...). This is the hopelessness that many kids in high school share.”¹⁰ (p. 251)

Problemas na vida pessoal que ampliam o impacto da marginalização social do jovem

Em relação às questões pessoais que podem ter ampliado o impacto do lugar de marginalização social de Eric e Dylan, Brown relata detalhes pessoais dele e dos dois garotos que eram usados contra eles para humilhá-los e excluí-los. Por exemplo, gosto por computadores e videogames e algumas características físicas que fugiam do ideal social de estética, eram fatores utilizá-los como argumento para eles receberem violência:

“Dylan was as much a target for the bullies as I was. He was still internalizing his anger and pain, escaping into computers or videogames rather than deal with the troubles he faced. But that escape doesn't last for long. Eventually, the player must return to the real world — and when Dylan did that, the treatment he received from his classmates affected him deeply. (...). While I rebelled, frightening my parents, Dylan kept his anger inside and focused on being a good student.”¹¹ (p. 44)

¹⁰ “Eu acredito que não havia esperança. Eles não viam um futuro real para si e nenhuma aceitação dos que os cercavam. Eles começaram a se odiar. Então eles começaram a odiar aqueles ao seu redor. E então eles ficaram com raiva, e depois ficaram violentos. Finalmente, em um momento insano e distorcido, eles acreditaram que tinham poder sobre um mundo que os mantinha para baixo. (...) Esta é uma desesperança que muitas crianças do ensino médio compartilham.” (Tradução livre)

“Eric, especially, was a target. He had two strikes against him; the first was that he had a slight chest deformity. It wasn't that noticeable — it was just sunken in a bit — but when Eric would take his shirt off in P.E. class, the bullies were ready and waiting to mock him. Mocking a guy for a physical problem he can't control is one of the most humiliating ways to bring him down. On top of that, Eric was the shortest of our group. The rest of us, as we got older, became well over six feet in height; Eric never did. He was small, he was a ‘computer geek’, and he wasn't even from Colorado to begin with. He was as prime a target as the bullies at Columbine could have asked for.”¹² (p. 51)

Para além dos momentos intramuros da escola, Brown tinha contato com Eric e Dylan no seu cotidiano. O narador relata diversos lados dos dois jovens, tal como sua momentânea indisposição com Eric, que levou o garoto a realizar assédio moral e patrimonial contra ele. Porém, diferente de outros relatos e pesquisas científicas - que miram na parte “sombria” da personalidade dos autores - Brown traz também um outro lado dos dois, sensível e sofrido com as injustiças que viam acontecer com o mundo:

“Dylan was a smart kid who could see the injustices of the world as clearly as I could. He was frustrated by them, and, like many other kids, he saw a bleak future for our generation. Eric Harris felt much the same way. Eric had been

¹¹ “Dylan era tanto um alvo para os bullies quanto eu. Ele ainda estava internalizando sua raiva e dor, escapando para computadores ou videogames, em vez de lidar com os problemas que enfrentava. Mas essa fuga não dura por muito tempo. Eventualmente, o jogador deve retornar ao mundo real - e quando Dylan fazia isso o tratamento que ele recebia de seus colegas de classe o afetou profundamente. (...) Enquanto eu me rebeli, assustando meus pais, Dylan mantinha sua raiva internamente e se concentrava em ser um bom aluno.” (Tradução livre)

¹² “Eric, especialmente, era um alvo. Ele teve dois ataques contra ele; o primeiro foi que ele tinha uma ligeira deformidade no peito. Não era tão perceptível - estava apenas um pouco afundado, mas quando Eric tirava a camisa na aula de Educação Física, os valentões estavam prontos e esperando para zombar dele. Zombar de um cara por um problema físico que ele não pode controlar é uma das maneiras mais humilhantes de derrubá-lo. Além disso, Eric era o mais baixo do nosso grupo. O resto de nós, à medida que envelhecemos, alcançou em média um metro e oitenta de altura; Eric nunca o fez. Ele era pequeno, ele era um ‘nerd de computador’, e ele nem era do Colorado para começar. Ele era tão primariamente um alvo quanto os valentões de Columbine poderiam ter pedido.” (Tradução livre)

moved around all his life, and had known the difficulties of trying to fit in at one strange school after another. Like Dylan, Eric was exceptionally smart. And like Dylan, Eric saw the injustices of the world quite clearly, even as he was getting beat up in the high school locker room or jumping to avoid the glass bottles thrown at him out of the passing cars of Columbine football players.”¹³

(p. 20)

Acredita-se ser importante trazer esse dado a tona, visto que é raro ver este tipo de análise dos autores de homicídios em massa. Parece, socialmente, que se uma pessoa realiza um ato violento ela torna-se a personificação do “mal”, e não há mais do que se comentar sobre outras facetas de sua vida, seus sonhos, seus aspectos positivos. Tende-se a ver este tipo de informação como “amenização” da violência cometida.

Este estudo, por outro lado, pretende mostrar esses lados “ocultos” dessas pessoas, justamente para resgatar a humanidade delas. As tratando enquanto seres humanos, tal como qualquer outro ser humano, podemos, humildemente, entender como eles chegaram a ter comportamentos tão extremos para expressar suas angústias para o mundo.

Quando nos aproximamos, em humanidade, das pessoas que cometem atos de violência, conseguimos reconhecer nossa própria violência e a violência dos que estão a nossa volta. Desta forma, podemos compreender melhor os caminhos que podem ter levado algumas pessoas a usarem a violência como forma de expressão.

Esta atitude, muito ao contrário de querer “minimizar” o impacto destrutivo que tem um ato como esse (como é defendido por muitos, no senso comum e na comunidade científica), é útil para elaborarmos intervenções mais efetivas, que conversem com a

¹³ “Dylan era um garoto esperto que podia ver as injustiças do mundo tão claramente quanto eu. Ele estava frustrado com elas e, como muitas outras crianças, ele via um futuro sombrio para a nossa geração. Eric Harris se sentia basicamente da mesma forma. Eric havia se mudado de cidade por sua vida toda, e tinha conhecido as dificuldades de tentar se encaixar em uma escola estranha após a outra. Como Dylan, Eric era excepcionalmente esperto. E como Dylan, Eric via claramente as injustiças do mundo, até quando estava sendo espancado no vestiário do colégio ou pulando para evitar as garrafas de vidro lançadas contra ele dos carros dos jogadores de futebol de Columbine que passavam.” (Tradução livre)

realidade da situação. De outra forma, que é que vem sendo usada majoritariamente para lidar com questões de violência, colocando essas pessoas enquanto “diferentes” dos “cidadãos de bem”, fortalece-se o ciclo de exclusão, marginalização, ódio, vingança e violência entre as duas partes.

Sobre este aspecto, Brown também trouxe uma reflexão:

*“The next Dylan could be your son. Your neighbor. Your best friend. Not some faceless, anonymous killer who comes out of the dark and snatches your loved ones. A regular person who faces the cruelty of the real world just like the rest of us — and in whom something erodes away over time. It's too late to stop Eric and Dylan. But maybe if we realize what we're doing to one another and take action now, we can save the kids who would otherwise go down the same path”.*¹⁴

(p. 252)

Falência das instituições de suporte social em notar oscilações e problemas nesses jovens

Nesta questão, há relatos de Brown durante toda a sua narrativa de diversos atores sociais que passaram por alguma experiência de notar sinais prévios sobre as angústias e os problemas de Eric e Dylan e não agirem de forma assertiva.

Primeiramente, seguindo os dados anteriores, foi notada uma omissão da instituição escolar e os agentes hierárquicos de lá, como professores, coordenadores e diretores:

¹⁴ “O próximo Dylan pode ser seu filho. Seu vizinho. Seu melhor amigo. Não algum assassino anônimo e de sem rosto conhecido que saia da escuridão e arrebate as pessoas que você ama. Uma pessoa comum, que enfrenta a crueldade do mundo real tal como o resto de nós - e em quem algo se desgasta com o tempo. É tarde demais para parar Eric e Dylan. Mas talvez, se nos dermos conta do que estamos fazendo uns aos outros e agirmos agora, possamos salvar as crianças que poderiam vir a seguir o mesmo caminho.” (Tradução livre)

“In my dealings at Columbine, I had learned that if you report someone, nothing gets done — and then the person finds out who reported him and makes that person's life much worse.”¹⁵ (p. 88)

“Teachers who only like the ‘good kids’ and turn their backs on the rest are causing untold pain and anger in those forgotten students. If students are given up on early, then they learn to hate the system and can no longer be rescued by it.”¹⁶ (p. 269)

Em seguida, há relatos que demonstram certas omissões por parte dos familiares de Eric e Dylan, principalmente sobre os sinais de alerta que deram sobre seus problemas, e, futuramente, sobre seus planos em Columbine.

“Eric's father had found one of Eric's pipe bombs and confronted him with it. Eric showed him the bomb in his parents' closet and said that his dad was going to make him detonate it — but that his dad had never bothered to look for more of the bombs in Eric's room”.¹⁷ (p. 117)

Os jovens planejaram o ato por um ano, e, durante esse período mapearam toda a escola para o que queriam fazer, bem como compraram todos os equipamentos que precisavam para seu plano. tudo foi documentado em diários dentro de seus quartos, bem como os armamentos guardados por lá também. Foram utilizadas, no total, quatro armas de fogo, noventa e nove explosivos caseiros feitos por eles e quatro facas.

¹⁵ “Nas minhas relações em Columbine, eu tinha aprendido que, se você denuncia alguém, nada é feito - e então a pessoa descobre quem o denunciou e torna a vida daquela pessoa muito pior.” (Tradução livre)

¹⁶ “Professores que só gostam das ‘crianças boas’ e dão as costas para os outros estão causando dor e raiva incalculáveis naqueles estudantes esquecidos. Se os alunos desistem cedo, aprendem a odiar o sistema e não podem mais ser resgatados por ele.” (Tradução livre)

¹⁷ “O pai de Eric encontrou uma das bombas caseiras de Eric e confrontou-o com ela. Eric mostrou-lhe a bomba no armário de seus pais e disse que seu pai iria fazê-lo detoná-la - mas que seu pai nunca se preocupou em procurar mais bombas em seu quarto.” (Tradução livre)

A polícia também teve algumas oportunidades com Eric e Dylan, uma quando foram pegos em flagrante por roubar equipamentos de um van, outra na época em que Brown e Eric estavam brigados e Eric estava assediando Brown moralmente. Brown e seus pais abriram uma denúncia formal contra Eric, com provas de um website que o garoto alimentava com ameaças a ele e também planos do que viria a fazer em Columbine. Isso foi um ano antes do atentado acontecer. A denúncia dos Brown não chegou a ser investigada antes do atentado.

“On January 30, 1998, Eric and Dylan were hanging out together in a parking lot near Deer Creek Canyon Road. They were parked next to a van loaded with various pieces of electrical equipment. (...). When they realized that no one was around, they decided to force their way into it. While Eric kept watch from inside his car, Dylan smashed in the van's window with a rock and began unloading equipment. (...). Eric and Dylan were sentenced to one year in a juvenile diversion program, where they would be forced to undergo four days of classes ‘dealing with anger management’ and ‘drunk driving’, 45 hours of community service, multiple fines, and counseling.”¹⁸ (p. 91)

“In a CBS investigation two years after the assault on Columbine, it was learned that a search warrant had been drafted for Eric Harris's home. However, the warrant was never presented to a judge. Had it been served, the police would have found pipe bombs, gunpowder, Eric's angry journal rants —

¹⁸ “Em 30 de janeiro de 1998, Eric e Dylan estavam dando uma volta em um estacionamento perto da Deer Creek Canyon Road. Estavam estacionados ao lado de uma van carregada com vários equipamentos elétricos. (...) Quando eles perceberam que ninguém estava por perto, eles decidiram forçar sua entrada nela. Enquanto Eric vigiava dentro de seu carro, Dylan quebrou na janela da van com uma pedra e começou a descarregar o equipamento. (...) Eric e Dylan foram sentenciados a um ano em um programa de reabilitação juvenil, onde seriam forçados a passar por quatro dias de aulas ‘Lidando com Controle da Raiva’ e ‘Dirigir Embriagado’, 45 horas de serviço comunitário, múltiplas multas e aconselhamento psicológico.” (Tradução livre)

*and perhaps early evidence of a plot he and Dylan were already beginning to hatch”.*¹⁹ (p. 94)

Brown parece deixar transparecer certo sentimento angustiado por também ter sido uma pessoa da rede dos jovens autores a não ter ligado os pontos dos sinais de alerta antes que a tragédia acontecesse, já que ele era o mais próximo aos dois e sabia mais a fundo do que a maioria das pessoas sobre suas vivências.

*“The police could have stopped it, had they acted on family's report. But they didn't. The warning signs were there. The threats, Eric's Web pages, the Eric and Dylan's 'Rebel Missions' in the neighborhood. Today, they're all painfully obvious. But back then, no one was putting them together. Not even me. In the back of my mind, I couldn't imagine why a person would murder anyone else, not even a person who wrote the kinds of things that Eric did.”*²⁰ (p. 96)

Mais uma rede na vida de Eric e Dylan foi citada em relação a ver movimentações que apontavam para o planejamento de seu ato em Columbine e não serem efetivos sobre isso: a pizzaria onde os dois trabalhavam. Esse emprego foi procurado há pouco mais um ano antes do atentado, e sabe-se atualmente, após investigações, que eles utilizavam todo o seu pagamento para o planejamento e compra dos aparatos para realizar seu plano. Alguns desses aparatos foram mostrados para seus colegas de trabalho.

*“The former owner of Blackjack Pizza recalled one of them bringing a pipe bomb to work one day and showing it off to other employees.”*²¹ (p. 70)

¹⁹ “Em uma investigação da CBS dois anos após o ataque a Columbine, soube-se que um mandado de busca havia sido elaborado para a casa de Eric Harris. No entanto, o mandado nunca foi apresentado a um juiz. Se tivesse sido atendido, a polícia teria encontrado bombas caseiras, pólvora, os comentários furiosos do diário de Eric - e talvez evidências iniciais do roteiro que ele e Dylan já estavam começando a armar.” (Tradução livre)

²⁰ “A polícia poderia ter parado isso, se eles tivessem agido sobre a denúncia da família. Mas eles não fizeram. Os sinais de aviso estavam lá. As ameaças, as páginas de Eric na internet, as ‘Missões Rebeldes’ de Eric e Dylan no bairro. Hoje, todos são dolorosamente óbvios. Mas naquela época ninguém estava os integrando. Nem mesmo eu. No fundo da minha mente, eu não conseguia imaginar porque uma pessoa poderia matar alguém, nem mesmo uma pessoa que escreveu os tipos de coisas que Eric escreveu.” (Tradução livre)

*“A co-worker remembers Eric receiving a paycheck in March and commenting that he would use it to buy more propane tanks. The co-worker told police that Eric already owned seven tanks and wanted to get nine more with the check, aiming to have thirty in all by April 20.”*²² (p. 118)

Dentro deste tópico, o questionamento que resta, seja em Brown, na sua narrativa e durante a feitura deste estudo, é: por que ninguém levou a sério algum desses sinais vermelhos? Pela narrativa de Brown, várias deles foram extremamente visíveis e comunicados, como a subversão de roubar um carro, ou mostrar bombas caseiras no trabalho, ou manter bombas em casa, ou reclamar na diretoria das violências sofridas.

Discussão e Considerações Finais

Findada esta pesquisa, observou-se que os critérios postulados por Harding, Fox e Mehta (2002) se mostraram pertinentes e auxiliaram a elucidar diversos fatores psicossociais de risco envolvidos no contexto desses jovens. Estes achados também vão de encontro com os estudos de fatores ambientais e sociais envolvidos no atentado de Columbine realizados por Verlinden, Hersen e Thomas (2000), Muschert (2007) e Hong, Cho, Allen-Meares e Espelage (2011).

Algo interessante incluído nos fatores propostos pelos autores foi a questão da disponibilidade de armas de fogo, visto que normalmente este assunto é debatido a nível político e jurídico nesses casos. É importante perceber a realidade de como jovens

²¹ “O ex-proprietário da Blackjack Pizza lembrou que um deles trouxe uma bomba caseira para trabalhar um dia e mostrou para outros funcionários.” (Tradução livre)

²² “Um colega de trabalho se lembra de Eric recebendo o pagamento em março e comentando que ele iria usá-lo para comprar mais tanques de propano. Este mesmo colega disse à polícia que Eric já possuía sete tanques e queria conseguir mais nove com o pagamento, com o objetivo de ter trinta no total até 20 de abril.” (Tradução livre)

adquirem armas de fogo e conseguem informações para fazerem outras armas dentro da própria casa, pois nitidamente isso acontece acima do caráter de qualquer política pública ou lei estipulada.

Se conseguirmos ter mais acesso verdadeiro e sem tabus sobre este tema é algo que pode gerar prevenções de forma ampliada, para além de novas leis restringindo a venda e o uso de armamentos (que são igualmente significativas, mas não resolvem o problema por inteiro).

A utilização da narrativa de um par dos adolescente se mostrou igualmente profícua para se compreender aspectos aprofundados das suas dinâmicas de vida. Algo que vai de encontro com Espelage e Holt (2001), pois foi notável que as tramas das vidas dos três adolescentes estava ligada de maneira íntima e fluíu em alguns momentos de forma similar, tal como a violência e a exclusão sofridas por eles na escola.

Algo notado durante a análise de dados foi o papel importante que a escola tem nas vivências e no desenvolvimento dos jovens. Isto é algo largamente difundido em teorias de desenvolvimento humano e sobre a adolescência, como em Outeiral (2008), porém, o outro lado disto, em como a escola por ser um fator de risco justamente por ter tamanha influência, é algo que pode ser mais explorado academicamente.

Todavia, a violência narrada por Brown que acontecia em Columbine diariamente - onde pessoas que divergiam do padrão de aceitabilidade social e estética paradigmática eram tomadas como bodes expiatórios e violentadas - é algo intimamente ligado à postura da sociedade como um todo.

Normaliza-se a violência com a justificativa de padrões irreais a serem alcançados, porém nem as pessoas que mais se aproximam desses padrões necessariamente estão satisfeitas. Em contraponto, se destila a agressividade humana de forma socialmente validada em pessoas que divergem mais marcadamente dos ideais impostos.

Dentro destas dinâmicas de violência velada pode-se notar, dentre diversas facetas, dois aspectos, que se mostraram presentes também na dinâmica escolas narrada por Brown: quem quebra o silêncio da violência velada sofre retaliação, principalmente das cúpulas hierárquicas que não tem interesse em mudanças desses paradigmas; e, muitas das pessoas que são neste papel de excluídas apresentam a sensação de desesperança de que algo nisso vá mudar, o que acaba gerando, a longo prazo, uma tentativa adaptativa de normalização dessas violências.

Porém, restam diversos questionamentos importantes que merecem ser repensados por todos nós, enquanto sociedade. Serão compartilhados aqui alguns deles:

- O quanto alguém que é violentado diariamente apenas por ser quem é consegue aguentar calado e sem reação, que é a postura que a sociedade exige?
- O quanto estamos realmente olhando para nossos jovens e suas angústias? E o quanto estamos diminuindo e menosprezando quando assumimos que diversos sinais de sofrimento (que podem aparecer em reações desde isolamento até reações de agressividade e contravenção) “são apenas coisa de adolescente”?
- O que aconteceu de diferente no contexto de Brown para que, mesmo vivendo uma rotina de abusos na escola bastante similar à de Eric e Dylan, ele conseguisse ter meios de catarse e suporte para elaborar isso diferente do que os outros dois jovens elaboraram?

Por fim, faz-se importante reiterar a relevância de pesquisas sobre esta temática que tenham direcionamentos para fatores psicossociais. Para além de se tentar montar diagnósticos psiquiátricos *post mortem*, entender como os ambientes pode influenciar na violência gera insumos para pensarmos em como tornar esses ambiente mais saudáveis. E então, com ambientes mais estáveis e saudáveis, pessoas em sofrimento psíquico podem ser melhor acolhidas, cuidadas e ter um tratamento mais efetivo.

Esta argumentação pode ser enriquecida com uma última frase de Brown: “What Eric and Dylan saw happening in the real world shaped them more than any movie or videogame. In my opinion, what they experienced in the real world is what we should be investigating.”²³ (Brown & Merritt, 2002, p. 19).

Referências

- Bastos, L. & Biar, L. (2015). Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 31, 97-126.
- Brown, B. & Merritt, R. (2002). *No easy answers: the truth behind death at columbine*. New York: Lantern Books.
- Brown, B. (2004). Adolescents relationships with peers. In R. Lerner & L. Steinberg (Ed.), *Handbook of Adolescent Psychology* (pp. 363-394). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Clabaugh G. & Clabaugh A. (2005). Bad apples or sour pickles? Fundamental attribution error and the Columbine massacre. *Educational Horizons*, 83(2), 81-86.
- Cullen, D. (2010). *Columbine*. New York, NY: Twelve.
- Elsass, H., Schildkraut, J. & Stafford, M. (2016). Studying school shootings: challenges and considerations for research. *American Journal of Criminal Justice*, 41, 444–464.
- Espelage, D. & Holt, M. (2001). Bullying and victimization during early adolescence: peer influences and psychosocial correlates. *Journal of Emotional Abuse*, 2(2), 123–142.
- Girard, R. (2011). *Aquele por quem o escândalo vem*. São Paulo: É Realizações.
- Harding, D., Fox, C. & Mehta, J. (2002). Studying rare events through qualitative case studies: lessons from a study of rampage school shootings. *Sociological Methods Research*, 31, 174-217.

²³ “O que Eric e Dylan viram acontecendo no mundo real moldou-os mais do que qualquer filme ou videogame. Na minha opinião, o que eles experimentaram no mundo real é o que deveríamos estar investigando.” (Tradução livre)

- Hong, J., Cho, H., Allen-Meares, P. & Espelage, D. (2011). The social ecology of the Columbine High School shootings. *Children and Youth Services Review*, 33(6), 861-868.
- Kandel, D. & Andrews, K. (1987). Processes of adolescent socialization by parents and peers. *International Journal of the Addictions*, 22(4), 319-342.
- Labov, W. (1997). Some further steps in narrative analysis. *Journal of Narrative and Life History*, 7(4), 395-415.
- Langman, P. (2009a). *Why kids kill*. New York: Palgrave Macmillan.
- _____. (2009b). Rampage school shooters: a typology. *Aggression and Violent Behavior*, 14(1), 79-86.
- Muschert, G. (2007). Research in school shootings. *Sociology Compass*, 1(1), 60-80.
- Nunes, L., Paula, L, Bertolassi, T. & Neto, A. (2017). A análise da narrativa como instrumento para pesquisas qualitativas. *Ciências Exatas*, 23(1), 9-17.
- Outeiral, J. (2008). *Adolescer*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Page, J. (2016). *A qualitative investigation of completed and averted school shootings: deciphering the characteristics that prevent school shootings* (Tese de Doutorado). College of Education and Human Services, West Virginia University, West Virginia.
- Paiva, V. (2008). A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 8(2), 261-266.
- Verlinden, S., Hersen, M. & Thomas, J. (2000). Risk factors in school shootings. *Clinical Psychology Review*, 20, 3-56.
- Vieira, T., Mendes, F. & Guimarães, L. (2009). De Columbine à Virgínia Tech: Reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 493-501.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o percurso realizado nesta pesquisa, nota-se que a temática dos homicídios em massa seguidos de suicídio realizados por adolescentes em escolas permanece com diversas questões em aberto, dúvidas e perguntas sem respostas. Porém, o objetivo deste trabalho, como já citado em sua introdução, não era esclarecê-las, e sim realizar o que foi feito: desvelar as estruturas paradigmáticas solidificadas sobre este fenômeno e seus protagonistas e propor novas visões.

Quando nos propusemos a analisar para além do senso comum, seja ele o social ou o científico, pode-se notar que ainda existem diversos campos dentro desta temática a serem explorados, questionados e estudados. Porém é necessária a coragem de entender esses adolescentes como os seres humanos que são, tal como cada uma/um de nós, que encontraram neste tipo de ato violento a única forma de comunicação possível para o que estavam vivenciando.

Como disse Brooks Brown (2002), próximo Dylan pode ser seu filho, seu vizinho, seu melhor amigo. Vinte anos depois de Columbine, esta colocação ainda é totalmente real. Esses atos ainda acontecem ao redor do mundo, incluindo o nosso país. E o quanto mais a sociedade continua com seus mecanismos de exclusão de seus diferentes, “anormais” na linguagem Foucaultiana, mais são gerados fatores de risco bastante similares aos que foram pontuados no estudo de caso de Columbine.

A todas as pessoas durante o percurso desta pesquisa que se interessaram pelo tema, com ânsias de respostas, de possíveis tratamentos ou algum mecanismo de prevenção que possa ser feito, fica a sugestão de levarem seus anseios a frente, tal como foi feito neste trabalho. As respostas pontuais e prontas que são procuradas talvez nunca existam, mas se o objetivo for prevenir de forma saudável, acolhedora e efetiva para que outros adolescentes

não precisem se utilizar deste tipo de ato para se expressar já existem alguns pontos de partida sinalizados.

É importante pontuar que, dos anos de pesquisa sobre este fenômeno, existem diversas similaridades entre os seus protagonistas e os possíveis fatores de risco envolvidos em seus atos, independente do local do globo onde estivessem. Alguns países fomentaram prevenções a níveis sociais profundos, como Austrália e Reino Unido, ensejando em drásticas diminuições de ocorrências deste tipo, outros, como os Estados Unidos, ainda se mostram divididos entre ações políticas pró-armamentistas *versus* contra-armamentistas, juntos a uma cultura que ainda fomenta a alta frequência de casos similares aos de Columbine.

No Brasil, recentemente começou-se a prestar mais atenção nesses casos. Ao que podemos notar, isto pode ser decorrente a questões políticas atuais. Porém, fica uma inquietação sobre homicídios seguidos de suicídio no nosso país: o viés classista e racista. Quem tem acesso a armas no país, de forma legalizada e de forma ilegal? Qual a raça e a condição social dessas pessoas nas duas situações? Como elas são tratadas, no geral, pela nossa sociedade? Como atos agressivos que elas possam cometer são interpretados, nas duas situações?

Homicídios seguidos de suicídio já acontecem há muito tempo no Brasil, a questão maior é quem se interessa por observar, analisar e entender esses atos de forma aprofundada e fora do senso comum da nossa sociedade. O que a nossa sociedade vem fazendo com nossos “bodes expiatórios”? Quem são nossos “excluídos”? Como olhamos para aqueles que desvelam a agressividade que todos temos dentro de nós? O que estamos fazendo ao assistir programas sensacionalistas e desejar dolorosas mortes e punições para os que cometem violência?

O nível de violência que vemos em nossa volta é apenas um espelho do nível de nossa própria violência interna enquanto sociedade.

REFERÊNCIAS FINAIS

Brown, B. & Merritt, R. (2002). *No easy answers: the truth behind death at columbine*.

New York: Lantern Books.

Muschert, G. (2007). Research in school shootings. *Sociology Compass*, 1(1), 60-80.